

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ANA LÍVIA VARGAS GONÇALVES**

**CRÍTICA LITERÁRIA NAS REDES SOCIAIS: OBSERVAÇÕES SOBRE  
UMA TRAJETÓRIA – MELL FERRAZ E *LITERATURE-SE***

**VOLTA REDONDA**

**2025**

**FUNDAÇÃO OSWALDO ARANHA  
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VOLTA REDONDA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**CRÍTICA LITERÁRIA NAS REDES SOCIAIS: OBSERVAÇÕES SOBRE  
UMA TRAJETÓRIA – MELL FERRAZ E *LITERATURE-SE***

Projeto do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo do UniFOA como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Aluno: Ana Lívia Vargas Gonçalves

Prof. Dr.: Eduardo Jorge Nascimento de Oliveira

**VOLTA REDONDA  
2025**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Crítica literária nas redes sociais: Observações sobre uma trajetória – Mell Ferraz e Literature-se** elaborado por **Ana Livia Vargas Gonçalves** apresentado publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para conclusão do Curso de Jornalismo.

Aprovado em 5 de 11 de 25.

Banca Avaliadora:

*Eduardo de Oliveira*

Professor(a) orientador(a) – Eduardo Jorge Nascimento de Oliveira, Doutor, UniFOA

*Edilberto Venturelli*

Professor(a) avaliador(a) – Edilberto Venturelli, Mestre, UniFOA

*Rebeca Baltazar Chaves*

Professor(a) avaliador(a) – Rebeca Baltazar Chaves, Mestre, UniFOA

## AGRADECIMENTO

Agradeço meus pais, Janaíne e Ádamo, por confiarem em mim e estarem sempre ao meu lado. Também agradeço meus irmãos, João Pedro e João Arthur, pela parceria e suporte de sempre. À minha família, toda minha gratidão e carinho por tudo. Ao meu namorado, João Vitor, que sempre esteve comigo nos momentos mais difíceis e desafiadores dessa jornada, meu muito obrigada! Minha eterna gratidão ao meu professor orientador, Eduardo Jorge, pelo carinho, incentivo e ajuda ao longo do ano. Por fim, agradeço a Deus por ter me abençoado e apoiado durante toda essa jornada.

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, principalmente, aos meus pais e também a todos aqueles que dividiram esse momento comigo.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a trajetória da crítica literária Mellóry Ferraz, em vídeos postados ao longo de 15 anos no canal *Literature-se*, no YouTube. A proposta parte do pressuposto de que a avaliação de uma trajetória em particular pode contribuir para o entendimento dos rumos que a crítica literária (uma vertente nascida ainda no século XIX) vem seguindo em tempos de web e redes sociais. Está no cerne do trabalho observar eventuais mudanças no discurso de Mellóry como *booktuber* ao longo de sua trajetória, tendo em conta que a própria plataforma vem se modificando. O estudo conta com obras referenciais ao jornalismo cultural, opinativo e crítica literária, além da teoria da análise do discurso. A pesquisa parte de uma análise comparativa entre o vídeo mais visto no decorrer de três fases distintas (a cada cinco anos) da carreira de Mellóry. Conclui-se que houve uma mudança no discurso de Mell Ferraz a partir da sua formação e é evidente o minucioso desenvolvimento de sua opinião em cada obra escolhida.

**Palavras-chave:** Jornalismo cultural; crítica literária; YouTube; Mell Ferraz.

## ABSTRACT

This work aims to analyze the trajectory of literary critic Mellóry Ferraz, in videos posted over 15 years on the channel Literature-se, on YouTube. The proposal assumes that the evaluation of a particular trajectory can contribute to the understanding of the directions that literary criticism (an aspect born in the nineteenth century) has been moving in times of web and social network. It is at the heart of the work to observe any changes in Mellóry's discourse as a «booktuber» throughout her trajectory, taking into account that the platform itself has been changing. The study has references to cultural and opinative journalism and literary criticism, in addition to the theory of discourse analysis. The research is based on a comparative analysis among the most viewed video in the course of three distinct phases (every five years) in Mellóry's career. It is concluded that there was a change in the discourse of Mell Ferraz from her degree and it's clear the thorough elaborating of her opinion on each chosen work.

**Key-words:** Cultural journalism; literary criticism; YouTube; Mell Ferraz.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO:</b> .....	<b>10</b>
<b>2 JORNALISMO, CRÍTICA LITERÁRIA E A INTERNET</b> .....	<b>13</b>
2.1 O desenvolvimento do jornalismo opinativo no Brasil.....	13
2.2 A transição para o online: Webjornalismo .....	19
2.3 O fenômeno das redes sociais.....	21
<b>3 JORNALISMO CULTURAL, BOOKTUBERs E A TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO</b> .....	<b>23</b>
3.1 O jornalismo cultural do século XX e a crítica em sua nova fórmula .....	23
3.2 O fenômeno dos <i>booktubers</i> : criadores de conteúdo literário no YouTube.....	27
3.3 A análise do discurso para Foucault e Pêcheux .....	29
<b>4 O SURGIMENTO DO LITERATURE-SE, YOUTUBE E A ANÁLISE DO CONTEÚDO CRÍTICO DE MELL</b> .....	<b>33</b>
4.1 Mell Ferraz: História e trajetória.....	33
4.2 A transformação do YouTube ao longo dos anos.....	35
4.3 A mudança na crítica de Mell Ferraz em 15 anos .....	38
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>51</b>
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>52</b>

## LISTA DE FIGURAS

- Figura 1:** Mell Ferraz em vídeo sobre a crítica literária de *As vantagens de ser invisível*.....38
- Figura 2:** Ainda no início da crítica, Mellóry fala sobre Mário de Andrade e o contexto de *Macunaíma*.....43
- Figura 3:** A edição possui outros dois volumes em capa dura que contam a história da peça.....47

## 1. INTRODUÇÃO:

O jornalismo opinativo se iniciou nos primórdios da imprensa brasileira, começando pelo Correio Braziliense (1808), se espalhando para diversos outros jornais da época e conquistando seu espaço até os dias de hoje, adaptando-se aos novos meios de comunicação.

Este meio continuou forte durante o século XX, quando, por exemplo, o jornal *Estado de São Paulo* passou por uma mudança, onde Cláudio Abramo tomou frente. Ele acreditava, mencionando isso em livro de sua autoria *A regra do jogo* (1988), que a opinião era importante para os próprios jornalistas, assim como para os seus leitores e a sociedade da época.

Os tempos mudaram, as tecnologias se desenvolveram e novas formas de produzir um conteúdo jornalísticos passaram a existir, levando o tradicionalismo a se adaptar ao mundo virtual. Por consequência, o jornalismo opinativo também foi afetado, tentando achar seu espaço em novas plataformas digitais, seja em websites ou nas redes sociais.

Levando em conta a relevância do jornalismo opinativo, neste trabalho, a pesquisa será focada nas postagens de Mellóry Ferraz, no YouTube, criadora de conteúdo e crítica literária desde 2010. A ideia é avaliar as possíveis mudanças na abordagem de temas e conteúdo da *youtuber* sobre literatura, com ênfase na análise de discurso.

Acredita-se que a plataforma tenha sido o estopim para a introdução da crítica literária às redes sociais, gerando os *booktubers*, criadores de conteúdo voltados para a literatura, assunto no qual será mencionado no capítulo dois deste trabalho. Esses produtores podem ser voltados para o assunto acadêmico de livros, mas também com vídeos em tom de resenha crítica, além de permitirem uma interação maior com o público que os assistem na plataforma.

Está no cerne da hipótese da presente proposta perceber se houve, ou não, uma transformação no conteúdo crítico de Mell Ferraz na última década, compartilhado no canal do YouTube: *Literature-se*, encontrando novas maneiras de divulgar tais opiniões, considerando a forma que o próprio meio vem se modificando ao longo dos 15 anos em que o canal está no ar. A criadora de conteúdo é mestre

em Estudos de Literatura pela UFF e tem cerca de 198 mil inscritos na plataforma de vídeos, além de mais de 104 mil seguidores no Instagram.

Para tanto, partindo de um levantamento bibliográfico que vai considerar obras referenciais sobre jornalismo opinativo e crítica literária, o estudo vai se aplicar sobre uma pesquisa de análise comparativa a partir do vídeo com mais visualização a partir dos primeiros cinco anos, depois o vídeo mais visto dos cinco anos posteriores e do vídeo mais visualizado entre 2020 e 2025. Neste trabalho, serão considerados estudos sobre jornalismo cultural e opinativo, mudanças no papel do crítico no YouTube e a ascensão do meio literário nas plataformas digitais.

Os vídeos escolhidos para análise foram: *[Resenha] As vantagens de ser invisível*<sup>1</sup>; *Macunaíma, de Mário de Andrade*<sup>2</sup>; *HAMLET, de Shakespeare*<sup>3</sup>. Estes são os vídeos com mais visualizações no canal *Literature-se* de Mell, divididos pelos 15 anos de postagens no YouTube.

Ao longo do primeiro capítulo, será exposta uma contextualização histórica da crítica literária no Brasil, além de trazer nomes importantes para o âmbito, como o de Sílvio Romero, crítico polêmico do final do século XIX e início do século XX, trazendo histórias marcantes da época de Romero e seu método de análise. Além de fomentar sobre o webjornalismo e suas três gerações. Para finalizar, o capítulo trará um breve contexto histórico sobre as redes sociais.

No segundo capítulo, é apresentada uma explanação teórica do jornalismo cultural, especialmente do século XXI, além de mencionar estudos sobre a fundamentação da crítica. Também será explorado o mundo dos *booktubers* e de que forma esses criadores de conteúdo estão conectados com a crítica literária, além de entender a influência dessas pessoas no mundo da literatura nos dias de hoje. Para finalizar, o capítulo irá expor sobre a análise do discurso, discorrendo sobre o estudo de teóricos como Michel Foucault.

---

<sup>1</sup> Literature-se. *[Resenha] As vantagens de ser invisível*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JD6QO-BhFzk&list=PLxs8gVghJUZPlliLpPbjtiACf51z60qSC&index=4>. Acessado em 21/10/2025.

<sup>2</sup> Literature-se. *Macunaíma, de Mário de Andrade*. <https://www.youtube.com/watch?v=qXXCt43CyB8&list=PLxs8gVghJUZPlliLpPbjtiACf51z60qSC&index=7>. Acessado em 21/10/2025.

<sup>3</sup> Literature-se. *HAMLET, de Shakespeare*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jxizq3H6mE0&list=PLxs8gVghJUZPlliLpPbjtiACf51z60qSC&index=6>. Acessado em 21/10/2025.

O terceiro capítulo trará uma análise da trajetória do objeto e os vídeos marcantes do canal *Literature-se*. Será comentado a evolução do YouTube nos últimos 15 anos e a maneira que a plataforma mudou a forma de consumir o conteúdo postado, levantando também um breve histórico desde o surgimento. Ao final, serão analisados os três vídeos escolhidos que foram postados no canal *Literature-se* de Mell Ferraz e sua crítica.

## 2 JORNALISMO, CRÍTICA LITERÁRIA E A INTERNET

Este primeiro capítulo visa abordar a história do jornalismo opinativo no Brasil, críticos marcantes para a literatura brasileira e peculiaridades entre eles. A pesquisa também pretende mencionar o webjornalismo e suas gerações. Ao final, é apresentado o contexto do fenômeno das redes sociais no século XX.

### 2.1 O desenvolvimento do jornalismo opinativo no Brasil

O *Correio Braziliense* (1808), veículo jornalístico pioneiro no Brasil, deu início aos textos de caráter opinativo. O responsável pelo jornal na época era Hipólito José da Costa, que trazia às terras brasileiras um repertório crítico e repleto de expressões políticas da era, segundo Sodré (1965). Os artigos opinativos possibilitavam a população do país a reconhecer os fatos correntes e entender sobre a política local. Além da crítica, traduções dos clássicos literários também eram divulgadas no veículo.

A chamada primeira fase do jornalismo termina em meados do século XIX, quando surge a segunda fase – a do jornalismo literário. Uma das principais características do jornalismo brasileiro desta época era a publicação dos folhetins, na primeira página dos jornais, ocupando o terço inferior da primeira página, ainda no ponto de vista de Sodré (1965).

Ao lado dos almanaques, os folhetins surgiram com a proposta de, ainda de acordo com Sodré (1965), de circular aquilo que não pretendia ou até mesmo poderia chegar a se tornar livro. Os textos literários conquistaram jornais de todo o país ainda no final do século XIX. O *Gazeta de Notícias*, por exemplo, do Rio de Janeiro, investiu nos folhetins com Ferreira de Araújo no comando para solicitar traduções dos melhores autores daquela época da França.<sup>4</sup>

O folhetim era, por via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, e por isso o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser um hábito familiar, nos serões das províncias e mesma da Corte, reunidos todos os da casa, permitida a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia os analfabetos, que eram a maioria (SODRÉ, 1965, p. 243).

---

<sup>4</sup> A Vida Exuberante de Olavo Bilac por Eloy Pontes

A difusão de obras literárias foi acompanhada por um incremento na crítica destas mesmas obras – fosse de autores consagrados na Europa, fosse de literatos brasileiros. Dentre os nomes mais conhecidos na história brasileira, temos o de José Veríssimo que, segundo a Academia Brasileira de Letras, compunha a trindade da crítica da era naturalista<sup>5</sup> na companhia de Araripe Júnior e Sílvio Romero.

Romero, em específico, destacava-se por ser, além de crítico, um ensaísta, folclorista, polemista, professor e historiador de literatura (ABL)<sup>6</sup>. O sergipano iniciou sua jornada na imprensa quando ainda estava cursando Direito pela Faculdade de Direito do Recife, variando suas funções entre crítico, ensaísta e poeta nos jornais de Pernambuco. Candido (1918) acreditava que Sílvio foi o primeiro grande crítico e fundador do meio no Brasil.

Ao se transferir para o Rio de Janeiro, em 1875, Romero também foi juiz municipal da cidade de Paraty, antes de migrar para a capital carioca. Atuou em *O Repórter*, onde escrevia sobre política. Ainda segundo a ABL, Sílvio Romero foi “literariamente poderoso” na capital da república, onde Candido (1918) considera o momento que o crítico completou sua formação e sua estrutura em atividades intelectuais.

A sua obra participa do esforço de revisão ideológica de que brotou o pensamento moderno do Brasil, e pode-se dizer sem medo que lançou as bases mais sólidas para a compreensão da nossa literatura. (...) A crítica brasileira esboçava apenas os seus trabalhos, presos ainda a critérios obsoletos e incapazes de interpretar a realidade cultural do momento. Depois dele [Sílvio Romero], espalhou-se em várias direções e ganhou diversos contornos (CANDIDO, 1918, p. 9).

Expunha com clareza sua admiração a autores como Tobias Barreto – apóstolo de Romero, que considerava superior até mesmo a Castro Alves. Barreto e Alves protagonizaram uma grande rivalidade na poesia brasileira. Ambos cursaram o primeiro ano juntos na Faculdade de Direito no Recife em 1865 (ABL). Inicialmente, eram amigos, mas a amizade terminou, oficialmente, em 1866 (Passos, 2018, p. 7).

---

<sup>5</sup> Momento histórico com influxo do evolucionismo, marcado pelos ideais do crítico francês Hyppolyte Taine. (ABL)

<sup>6</sup> Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia>  
Acessado em 12/05/2025

Segundo Sílvio Romero (1980), Castro Alves não possuía intuição filosófica e sentimento exato em suas obras, onde o poeta tentava construir imagens de efeito metafórico que, para Passos (2018), muitas vezes não há como diferenciar o sentimento do poema da autenticidade da experiência sensível.

A estética de Castro Alves, para Romero, tinha uma linguagem excessiva e gongórica<sup>7</sup>, mas pecava em sentimentos e ideias (Romero, 1980, p. 1185).

Sílvio também exerceu um papel característico da imprensa da época – a de polemista, isto é, a do intelectual que, através das páginas dos jornais, debatia com seus pares. Ficou na história, conforme assinala a ABL, seu célebre embate com Machado de Assis.

Machado de Assis, é considerado um dos maiores escritores do Brasil – para a ABL, o maior. O carioca não era do tipo de se envolver em polêmicas, ele preferia não responder às provocações sobre suas obras ou pessoa (Gonçalves, 2017, p. 1). Sua história com Sílvio Romero se iniciou em 1879, quando publicou um texto na *Revista Brasileira* sobre um estudo treze novos poetas, sendo um deles Romero, onde, como menciona Gonçalves (2017), Machado os chama de “Nova geração”.

Assis criticou a poesia de Sílvio, afirmando que *Cantos do fim do século* (1878) faltava estilo, apesar de ter “observações engenhosas e exatas”. Mais tarde, Sílvio Romero se tornaria o crítico pleno de Machado de Assis.

Apesar do sergipano entender as especialidades do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), Sílvio não poupava comentários sobre sua escrita. Gonçalves (2017) diz que Romero acreditava que Assis só alcançou seu sucesso devido os integrantes da literatura da época, assim, retirando sua posição de vantagem própria. A opinião ainda comentava a “incapacidade de Machado em progredir como poeta” (Gonçalves, 2017, P. 2).

Sílvio dizia, em sua obra *Outros Estudos de Literatura Contemporânea* (1906), que a escrita de Assis era repetitiva: no mesmo tom, falhava em emoção – assim como a de Castro Alves – possuía os mesmos *tics* e pouca riqueza de vocabulário (Romero, 1906, p. 8 e 9). O crítico acreditava que o período em que um escritor era formado, influenciava seu trabalho com um todo (Gonçalves, 2017, p. 3),

---

<sup>7</sup> Linguagem rebuscada, requintada.

e Machado se concretizou como tal em um momento que a literatura brasileira se encontrava em decadência, ainda segundo Romero.

Fica evidente, portanto, que Sílvio Romero depreciava o trabalho daquele que foi o maior autor da história do país. Até mesmo em livros escritos para comentar sobre a obra de Machado (*Machado de Assis. Estudo comparativo de Literatura Brasileira*, 1897), Romero não deixava de mencionar sua afeição a Tobias Barreto – novamente.

Sílvio Romero publica um volume de 351 páginas sobre Machado de Assis, mas dedicado a Tobias Barreto e a outros três amigos da Escola de Recife, Arthur Orlando, Clóvis Bevilacqua e Martins Junior. A dedicatória dá o tom da análise e da intenção de Romero: colocar em evidência Tobias Barreto e, em consequência, a Escola de Recife (GONÇALVES, 2017, p. 4 e 5).

Ao longo de *Machado de Assis. Estudo Comparativo de Literatura Brasileira* (1897), Sílvio afirma que o literato não publicou nada de bom até os 30 anos, imputando o fato de Assis não possui diploma. Romero também pontua, mais uma vez, que “Machado de Assis não é superior a Tobias Barreto, é-lhe quase sempre superior.” (Romero, 1897, p. 95).

Apesar de serem raros, os comentários positivos sobre o autor de *Dom Casmurro* também aconteciam. Romero destacava a habilidade de descrição de Assis em suas obras, onde suas melhores passagens eram sobre os costumes e hábitos da sociedade (Gonçalves, 2017, p. 6).

Mesmo após tantos julgamentos sobre suas obras, Machado nunca respondeu Sílvio. Para Gonçalves (2017), as críticas de Romero e o silêncio de Assis o levou ao posto de grandiosidade na literatura brasileira.

(...) ele acaba por criar naturalmente (ou propositadamente) uma imagem de autor inabalável e, por conseguinte, uma horda de defensores prontos a tomar seu partido, como fez, por exemplo, Lafayette Rodrigues Pereira, à época do lançamento do polêmico livro sobre Machado de Assis, publicado por Romero (GONÇALVES, 2017, p. 11).

Ainda que grande, as críticas a Machado de Assis não foram as únicas que marcaram a carreira de Sílvio Romero como polemista. Para a ABL, o embate com José Veríssimo<sup>8</sup> foi permanente. Ambos possuíam fortes diferenças no trabalho

---

<sup>8</sup> Jornalista, crítico, professor, historiador literário e educador, nascido em Óbidos – PA. Dirigiu a terceira fase da Revista Brasileira, reunindo toda a literatura brasileira durante o período. Se destacou em estudos sociológicos,

crítico. Seja no método ou no temperamento, Romero e Veríssimo se distinguiram por demais.

Se Sílvia enxergava as obras de Machado de Assis de forma negativa, em sua grande parte, José colocava o autor em outro patamar na história da literatura brasileira (Aguiar, 2014, p. 2). Parte dessa opinião era devido as relações pessoais dos críticos da época com o próprio Machado, ainda segundo Aguiar (2014).

Romero entendia que Machado “não fazia parte do rol daqueles poucos literatos capazes de expressar a “autenticidade” nacional”, mas fazia parte daqueles de “temperamento fraco, amparada em referenciais estéticos de literaturas estrangeiras e incompatíveis com aquilo que o crítico identificava como parte da verdadeira índole mestiça<sup>9</sup>.” (Aguiar, 2014, p. 9).

Já José Veríssimo, além de levar para o lado mais emocional suas críticas às obras de Assis, demonstrava diferentes olhares sociológicos aos de Sílvia Romero. Para Aguiar (2014):

José Veríssimo ataca em duas direções: a primeira visa diminuir a importância da escola literária, destacando a necessidade de maior liberdade de imaginação estética aos escritores; a segunda se volta para a própria crítica, ao apontar para os limites das teorias literárias e o prejuízo decorrente do emprego de fórmulas críticas para a apreensão da obra de arte imortal. Esses dois pontos da crítica de José Veríssimo conduzem ao mesmo lugar, à tentativa de justificar o caráter individualizado do grande artista, tratando-o como um indivíduo complexo que de certa forma se descola do meio no qual está imerso e produz algo novo e digno de fazer parte da “eterna beleza da obra literária” (VERÍSSIMO, 1977, p. 204) (AGUIAR, 2014, p. 15).

Se Sílvia se caracterizava pelo confronto e disposição para lutar de forma mais agressiva, José se diferenciava pelo fator mais calmo e – como mencionado anteriormente, emocional. Romero acreditava que as raízes do intelectual, suas vocações significavam “obedecer ao chamado da esfera pública, do tumulto entre os confrontos de valores e da possibilidade de extrair dessa luta a “ideia” melhor” (Aguiar, 2014, p. 19) para o futuro do cenário no Brasil. Agora Veríssimo, além de se preocupar também com o quesito nacional, não deixou de lado aquilo que considerava o maior problema no país: a educação, segundo Aguiar (2014).

---

históricos e econômicos sobre a Amazônia, além de publicar críticas literárias e séries de histórias (ABL. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>. Acessado em 10/06/2025)  
<sup>9</sup> Sílvia Romero acreditava que a mestiçagem, ou seja, conceito de mistura entre raças, era determinante sob o caráter do brasileiro e capacitava explicar o perfil da literatura desenvolvido (AGUIAR, 2014, p. 8).

A atuação do intelectual e as expectativas em balizar seu valor a partir do sucesso de suas ações, na possibilidade de contribuir para a melhoria da sociedade, é um risco que José Veríssimo parecia analisar sob um prisma mais melancólico (AGUIAR, 2014, p. 20).

Segundo Sá (2010), ainda durante os primeiros 40 e 50 anos do século XX, o papel do crítico era marcado por profissionais não especializados, causando um vazio na imprensa da época. Os profissionais eram, principalmente, bacharéis e “cultores das belas letras” que não possuíam métodos ou teorias, mas, sim, se inspiravam nas suas próprias impressões pessoais e experiências para analisarem as coletâneas de livros (Sá, 2010, p. 6).

Mais adiante, um novo tipo de crítico surge, ainda segundo Sá (2010), a partir da formação acadêmica voltada para o jornalismo. A autora acredita que o papel do profissional desse período é a base do apuramento formal e disciplinar em relação à literatura. Assim, surgem os “críticos-scholars”, peritos em “regular o exercício do comentário literário e a qualificar ou desqualificar os que a ele se dedicam” (SÁ, 2010, P. 10). Ainda, há maior diversidade de opiniões dentro do mesmo âmbito onde nomes como o de Afrânio Coutinho, que se destacava pela crítica esteticista, e Antônio Candido, citado neste trabalho, por suas críticas de caráter sociológicos e dialéticas<sup>10</sup>.

Então, o cenário da crítica literária passa a adotar uma linguagem mais rebuscada nas décadas de 1960 e 70, devido a produção literária acadêmica (Sá, 2010, P. 11). Para Souza (2002):

(...) a crítica literária dessa época, interessada, sobretudo em construir cientificamente seu objeto e obrigada a cumprir as exigências acadêmicas dos trabalhos de tese, convive de forma contraditória com a excelência de sua produção e a dificuldade de torná-la acessível à comunidade (SOUZA, 2002, p. 115).

Nesse momento, os jornais passaram a diminuir a inclusão da crítica, principalmente a acadêmica, segundo Sá (2010). As revistas e livros passaram a dar força a este meio, já que os veículos jornalísticos acreditavam que a linguagem atual da opinião literária era inacessível ao público da época.

---

<sup>10</sup> SÁ, 2010, p. 10.

Todavia, a imprensa não virava as costas, totalmente, para a literatura e a crítica. Durante as décadas de 1960 e 70, o fato de a crítica ter diminuído em jornais é consequência do hermetismo acadêmico<sup>11</sup> (Sá, 2010, p. 12), levando até o leitor apenas uma mera classificação dos últimos grandes lançamentos literários.

Devido à todas essas mudanças que tornaram a crítica inacessível, a opinião se encontra em o que Sá (2010) chama de “contramão da história”. Afinal, o objetivo original da crítica era agradar a população e, durante essa época, poucos textos traziam o encanto da crítica original dos tempos de Sílvio Romero e José Veríssimo, por exemplo. Assim, surge uma preocupação dos profissionais da área, no final dos 1970, “de que sua produção intelectual possa intervir na vida cultural do país” (Sá, 2010, p. 13).

Para compensar a abundância de especializações no meio literário, foi criado um novo caderno (Santiago, 1994, p. 164), onde a obra e o autor passam a se “confundir”. Nesse período, o escritor se torna o ícone do meio, levando o meio às variedades. Nos anos 1980, o mercado editorial passa a crescer, contudo, o papel do crítico, agora, se encaixa na divulgação daquilo que perdeu seu valor.

(...) Agora, regida pelas leis do mercado, que se interessa pela venda e não pela análise dos livros, a literatura volta a dispor de um amplo espaço na imprensa e o crítico-jornalista retorna ao seu lugar, não mais como o foi no passado, imbuído de formar e informar um público leitor, mas de divulgar e fazer crescer o mercado consumidor de uma mercadoria que perdeu a sua aura (...), cuja instância de legitimação, desse mercado, passa a ser devedor (SÁ, 2010, p. 13).

A partir dali o ambiente crítico-literário e o jornalismo opinativo sofreu mudanças, mas mantendo ao fator “divulgação” vivo, principalmente com os novos veículos (Sá, 2010, p. 13), sobretudo, a internet e a redes sociais. Mesmo nunca precisando desses meios para se tornar algo consagrado, a produção literária se aproveita desses ambientes para ter ainda mais respeito (Aragão; Rocha, 2021, p. 4).

## 2.2 A transição para o online: Webjornalismo

---

<sup>11</sup> “Conjunto das doutrinas esotéricas, filosóficas e religiosas associadas a Hermes Trismegisto, representação sincrética do deus grego Hermes e do deus egípcio Tot” (Priberam Dicionário. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/hermetismo>. Acessado em 17/06/2025)

A internet abriu portas para todos e, para a área da comunicação, não foi diferente. O computador se tornou um novo meio de comunicar, um diferente tipo de mídia e suporte que, para Dalmonte (2009), abriga vários veículos que já conhecemos.

A Internet, entendida como um novo ambiente de conjugação midiática, por um único canal, oferece a possibilidade de encontro entre o receptor e as diversas faces da comunicação, dispersas por vários suportes específicos. Contrária à lógica de uma “diáspora” comunicacional, promovida por realidades estanques, que podem ser apropriadas a partir do impresso, do áudio e do vídeo, a rede possibilita a coabitação de todas as modalidades de comunicação num mesmo espaço (DALMONTE, 2009, p. 119).

O destaque para esse momento do jornalismo é para a possibilidade de interatividade, cobertura em tempo real, personalização dos conteúdos (Pavlik, 2001, p. 11), algo que facilita, por exemplo, o papel do crítico literário nos dias de hoje. Desde o início da adaptação dos jornais para a web, muitos veículos tradicionais passaram a fazer parte do novo modelo. O *Jornal do Brasil*, por exemplo, foi o que garantiu o começo dessa nova era (Dalmonte, 2009, p. 120).

Ao longo dos anos, três modelos de webjornalismo foram apresentados, sendo caracterizados como de primeira, segunda e terceira geração, ainda segundo Dalmonte (2009).

O webjornalismo de primeira geração caracteriza publicações no mesmo modelo do jornal impresso, por exemplo, sem se adequar à linguagem da internet. O material divulgado é apenas “transportado e disponibilizado” (Dalmonte, 2009, 121), ou seja, reaproveitado para a rede.

A segunda geração do jornalismo da web é definida por suas possui categorias mais específicas, seguindo um padrão que a própria internet possibilita. Todavia, vale ressaltar que, o modelo ainda se espelha no tradicional do jornal impresso (Dalmonte, 2009, p. 121). O que diferencia essa fase da primeira? A utilização de *hyperlinks*, que viabilizam o leitor a consultar outras postagens do próprio jornal (Mielniczuck, 2003, p. 34) ou levá-los à outras referências.

E, então, chegamos na última geração, onde Pavlik (2001) afirma estar apenas começando. Agora, as produções são totalmente voltadas para o meio da internet. Para Dalmonte (2009) a fase atual “há o enriquecimento da narrativa jornalística, sobretudo pelo uso de recursos multimídia e de interatividade”.

A internet se apresenta, assim, como um espaço de muitas experiências, de acesso à fala, à novas formas de sociabilidade, e uma variedade de temas/conteúdos abordados, pondo em xeque, entre outras coisas, a centralidade que a mídia audiovisual brasileira um dia deteve (ARAGÃO; ROCHA, 2021, p. 5).

### 2.3 O fenômeno das redes sociais

Com os avanços tecnológicos, o jornalismo se moldou nessas novidades. Em especial, hoje, as redes sociais. Aragão e Rocha (2021) afirmam que a cultura em meios digitais encontrou uma maneira de interagir com as antigas mídias, além de criar outros tipos de conteúdo para essas redes, em específico – assim como na terceira geração do webjornalismo.

Para Vermelho, Velho, Bonkovoski e Pirola (2014), há uma crença que aumenta todos os dias que as redes sociais seja um local para promover a comunicação de forma mais eficiente, afinal, quem comunica estará presente “na ferramenta mais poderosa de circulação de informação da contemporaneidade”.

As novas tecnologias permitiram a criação de meios de comunicação mais interativos, liberando os indivíduos das limitações de espaço e tempo, tornando a comunicação mais flexível. Com apenas um clique, qualquer pessoa pode acessar uma informação específica e manter contato com pessoas que estão distantes. Os jovens nascidos após 1995 são “nativos” da cibercultura, inseridos num modelo de comunicação com equipamentos que operam por meio da convergência de mídias (VERMELHO; VELHO; BONKOVOSKI; PIROLA, 2014, p. 4).

As autoras acreditam que o uso das redes sociais, em especial para área de comunicação, existe uma necessidade para reorganizar a utilidade das plataformas. É importante ressaltar que ainda há muito que saber quando o assunto é mídias sociais e jovens, por exemplo (Vermelho; Velho; Bonkovoski; Pirola, 2014, p. 7).

A constante troca discursiva entre os usuários das redes sociais online pode colaborar para o aumento das competências sociais, da interação e da comunicação em rede, proporciona o desenvolvimento do pensamento crítico, a construção de diferentes conhecimentos, a troca contínua de informações e a garantia da autoexpressão aos sujeitos que realizam o papel de protagonista nas redes (ZENHA, 2018, p. 9).

As críticas literárias em ambientes midiáticos modernos, por exemplo, se adaptam, assim como o jornalismo opinativo e a comunicação como um todo. Em especial, temos redes como o *YouTube*, pioneiro no compartilhamento de vídeos na

internet, que ganhou ainda mais força após se tornar parte do time *Google* (Bernadazzi; Costa, 2017). O canal, em particular, permitiu que o fenômeno dos “*Booktubers*”<sup>12</sup> começasse, fato no qual será mais bem analisado durante o capítulo dois deste trabalho.

E, claro, além do YouTube, atualmente temos uma vasta possibilidade de compartilhamento na internet: Instagram, X (Twitter), TikTok e Reddit são alguns dos vários nomes que vemos com frequência na área atualmente.

---

<sup>12</sup> “fazer parte de uma comunidade leitora, no YouTube, que comenta, opina, faz resumos e resenhas sobre livros” (Teixeira; Costa, 2016, p. 21)

### **3 JORNALISMO CULTURAL, BOOKTUBERS E A TEORIA DA ANÁLISE DO DISCURSO**

Neste segundo capítulo é analisado a importância da crítica literária para o jornalismo cultural, além das mudanças da crítica na era da tecnologia e internet. Também é abordado a história dos booktubers e suas técnicas na análise de um livro. A teoria da análise do discurso é tratada idem sob a ótica de Michel Foucault e Michel Pêcheux.

#### **3.1 O jornalismo cultural do século XX e a crítica em sua nova fórmula**

Aquilo que hoje está configurado como um jornalismo do âmbito cultural, vem se adaptando e crescendo desde o século XVIII. Além dos jornais, as revistas de todas as épocas proporcionaram um papel fundamental para o meio cultural no jornalismo, principalmente, como Piza (2013) menciona, ao trazerem em seus tabloides assuntos que enfatizavam a editoria. O que era muito comentado e desejado no meio artístico, agora do século XX, se tornava o assunto principal de resenhas, críticas, reportagens e entrevistas da geração, além de dominar o pensamento crítico dos consumidores.

E, assim, durante os anos 1900, o jornalismo cultural ganhou maiores proporções em vários países, sobretudo no ocidente. Até o século XIX, o “clássico” jornalismo era, sobretudo, maior em vários aspectos, principalmente nos assuntos de política e debates sobre livros e artes. As novidades do mundo moderno que chegaram ao longo do século XX transformaram a comunicação e o jornalismo cultural “esquentou”, para Piza (2013).

[O jornalismo cultural] descobriu a reportagem e a entrevista, além de uma crítica de arte mais breve e participante. Das conversações sofisticadas de Addison e Steele até as resenhas incisivas de Zola, Kraus e Shaw, o jornalismo cultural tomou sua forma moderna (PIZA, 2013, p. 19).

Ainda segundo Piza (2013), o desenvolvimento da imprensa cultural estava ligado diretamente à sua expansão e o crescimento de recursos gráficos, além da maior procura do público pelas novidades da nova era. Com a nova etapa da comunicação e surgimento de tecnologias, aquilo que se entendia como crítica

passou por um processo de adaptação, sem alterar a figura original daquele profissional. O autor ainda debate que, nesse momento da história – séc. XX, não se tratava mais de um crítico de “presença sacerdotal, missionária, que prega uma forma de vida por meio de julgamentos artísticos”, mas alguém “incisivo, informativo, menos moralista e meditativo”<sup>13</sup>.

O jornalismo cultural é, além de mediador público e arte, também é um intercessor entre o público e a indústria cultural, o que Ballerini (2015, p. 52) acredita ser “a mais significativa” dentro deste mesmo âmbito.

Os críticos do novo século seguiam com uma influência precisa e importante para os consumidores, mas também aos artistas e intelectuais (PIZA, 2013, P. 20). Gomes (2009) diz que, principalmente durante os anos 1950 em diante, a opinião desses especialistas contribuía para o sucesso ou fracasso de discos, peças e filmes, tendo ainda mais valor que reportagens e notícias sobre cultura da época (Ballerini, 2015, p. 51).

Nos Estados Unidos, por exemplo, surgiram grandes críticos no meio literário, cinematográfico e musical. Piza (2013) cita Dorothy Parker, escritora nova-yorkina<sup>14</sup>, onde a mesma começava resenhas com: “Este não é um livro para ser deixado de lado. É para ser jogado longe, com força.”

Para Piza (2013), a crítica era uma parte fundamental do jornalismo cultural. Os leitores não poderiam viver sem a opinião dos profissionais da época. E, assim, após a metade do século XX, a opinião ocupou ainda mais espaço dentre os veículos jornalísticos. O texto passou a ser mais rápido e deveria evitar citações, mas ganhou poder com a leitura rápida e “provocativa”.

Agora, em meios digitais, Piza (2013) acredita que o jornalismo cultural tem encontrado novas maneiras de se espalhar. Nos últimos anos, a literatura tomou a oportunidade para se expandir e muitos jornalistas estão escrevendo seus próprios livros, em especial, o gênero de biografia.

Embora as tentativas de revistas culturais com alguma inteligência e sofisticação tenham fracassado ou apenas “empatado”, esbarrando em questões de escala e financiamento, além de prescindirem do prazer tátil e prático que existe nas edições em papel, a demanda por esses assuntos é inequívoca. Incontáveis sites se dedicam artes e ideias, formando fóruns e

---

<sup>13</sup> Jornalismo Cultural por Daniel Piza (2013).

<sup>14</sup> FITZPATRICK, K. **About**. Disponível em: <<https://dorothyparker.com/about>>.

prestando serviços de uma forma que a imprensa escrita não pode, por falta de interatividade e espaço (PIZA, 2013, p. 31).

Todavia, há uma crença de que o jornalismo cultural do século XXI está em crise e existe uma falta de influência no trabalho do crítico ou das revistas culturais. Agora, os assuntos relacionados à cultura no meio jornalístico se concentram em repercutir e garantir que o sucesso encontre uma massa de pessoas (Piza, 2013, p. 31).

Ballenini (2015) observa que, no séc. XXI, os jornais impressos, em especial, estão dando mais voz aos livros mais vendidos e filmes vencedores do Oscar na capa e contracapa do veículo, o que dificulta o trabalho de novos autores e criadores artísticos a ganhar espaço no meio e serem reconhecidos.

Nota-se que os cadernos culturais de veículos mais populares (e, dependendo da notícia, até *Ilustrada* e *Caderno 2*) vêm dando cada vez mais espaço a fofocas sem nenhum conteúdo propriamente cultural. Capas culturais são dedicadas à separação de Ronaldo e Cicarelli, aos fúricos e amassos no *Big Brother Brasil*, à orientação sexual de um artista etc. (BALLERINI, 2015, p. 68).

Em relação a literatura e seu espaço no jornalismo cultural, Ballerini (2015) acredita que o âmbito tem sofrido. O autor menciona que essa dificuldade para o literário nesse século acontece por conta da diminuição de veículos que contam com uma editoria literária, além citar o quase “inexistente” número de revistas dedicadas ao assunto.

Primeiro porque estamos na era das imagens, ou melhor, da interação audiovisual. A palavra escrita, não imagética portanto, parece ser um atrativo cada vez menor para as novas gerações, a não ser que os livros sejam fruto de algum filme ou série de sucesso. Em segundo lugar, porque a literatura não disputa apenas o espaço editorial dos cadernos culturais, mas também a atenção cada vez mais rarefeita do leitor — especialmente de grandes cidades. Assim, a literatura quase sempre se torna um atrativo menor diante de informações sobre celebridades, blockbusters ou shows. O terceiro motivo é a própria produção do jornalismo cultural literário, cada vez mais difícil e um tremendo desafio para o jornalista. Ao contrário de um filme ou um disco, cuja apreciação analítica pode ser feita pelo jornalista em questão de horas, um livro leva dias para ser devidamente lido e analisado. Além disso, os profissionais dessa área recebem dezenas de lançamentos por semana (BALLENINI, 2015, p. 83).

Apesar disso, existe uma esperança de que esse espaço considerado “perdido” seja recuperado, pois as informações que a era da internet trouxe criou uma carência, segundo Piza (2013), ainda maior de análises e comentários sobre a

cultura que possibilitam o debate, gerando diferentes perspectivas e contextos para a sociedade.

Quando publicado online, o conteúdo cultural jornalístico possui um amplo local de possibilidades que, quem o consome, poderá experimentar uma nova forma de construir mensagens, diferente do impresso, e entender novas maneiras comportamentais ocorridas na rede (Alzamora, 2001, p. 9).

A procura pela qualidade e crítica vinda do jornalismo cultural ainda acontece. Na internet, surgiram diversos portais de cultura, onde se é dado mais atenção às obras de não-ficção, ensaios, livros de história escritos por um jornalista – ou com estilo jornalístico. Apesar de não terem a mesma influência do século passado, um padrão se manteve entre as revistas, jornais e tabloides (Piza, 2013, p. 67).

Para Piza (2013), no Brasil, a queda da cultura no jornalismo é maior, principalmente pelo fator econômico do país.

Há um longo caminho a percorrer no hiato entre os segundos cadernos e os suplementos semanais, entre o discurso superficial e/ou tribal daqueles e o discurso distante e/ou retórico destes. Isso envolveria também o enriquecimento dos gêneros, pois há excesso das entrevistas em que não se contesta o entrevistado, das resenhas que desperdiçam o pouco espaço com pouca incisividade e sutileza, das colunas que narram o dia a dia do colunista (PIZA, 2013, p. 67).

O autor ainda afirma que existe uma falta de profissionais que produzam críticas que comentam sobre a estrutura de um filme, por exemplo, sua posição e recepção.<sup>15</sup> Piza (2013) acreditava que o jornalista cultural deve saber “convidar e provocar” o seu leitor, possibilitando que aquele consumidor se sinta provocado ao receber uma opinião diferente da obra em questão e, principalmente, procurar novos repertórios, garantir informações distintas e reflexão sobre o assunto.

Ainda que a internet tenha feito com que o meio cultural dentro do jornalismo tenha se perdido e mudado, a tecnologia possibilita a interatividade entre autor e leitor, reforçando a hipótese que Cunha (2006) sugere, sendo o jornalismo cultural online um ambiente “privilegiado para se constatar o surgimento de uma nova comunicação social menos massificada”<sup>16</sup> devido às possibilidades de interação. Ou

---

<sup>15</sup> Jornalismo Cultural por Daniel Piza (2013), P. 67.

<sup>16</sup> JORNALISMO CULTURAL NA INTERNET: Uma análise do site BRAVO” on-line por Paula Barros Ferreira Rodrigues da Cunha (2006), P. 27.

seja, isso permite que exista uma comunicação mais segmentada e globalizada (Cunha, 2006, p. 27).

### 3.2 O fenômeno dos *booktubers*: criadores de conteúdo literário no YouTube

Na literatura, em específico, uma nova onda de “críticos” começou a surgir na internet e nas redes sociais. Os *booktubers* são fenômenos que apareceram nos últimos 15 anos, criadores de conteúdo literário que, para Jeffman (2015, p. 102), fazem parte de uma categoria mais ampla dos vlogs<sup>17</sup>. Agora, o que antes era produzido em blogs em forma de texto, se transformou em vídeos onde os autores compartilham fatos das suas vidas e intimidades (Aguiar, 2017, p. 2) e os *booktubers*, em específico, sobre suas opiniões e vivências no mundo da literatura.

Para Aguiar (2017), os *booktubers* têm causado um impacto no mercado editorial mundial e nacional, contudo, isso não significa que esses criadores de conteúdo irão substituir os clássicos meios e críticos da área. O trabalho de um *booktuber* dentro da crítica literária é visto como popular, de boa qualidade comunicativa, superficial e está ligado a uma leitura cotidiana das pessoas. Já o crítico tradicional tem seu trabalho observado como prestigiado, institucionalizado e profissional (Vizibeli, 2016, p. 7).

Desde o surgimento dos *youtubers* literários, nota-se que os criadores são compostos por jovens que, para Aragão e Rocha (2021), dialogam sobre literatura em um tipo de “dinâmica particular”, onde as autoras percebem uma repetição de temas, composições videográficas e uso de linguagem informal.

Ainda que relevante, o trabalho dos *booktubers* recebe questionamentos sobre sua função (Aragão; Rocha, 2021, P. 8). Os vídeos postados contêm breve resumo da obra citada, comentários e impressões sobre a leitura pessoal do criador/crítico que variam de canal para canal na plataforma, ainda segundo Aragão e Rocha (2021). Apesar disso, as autoras mencionam que a disponibilidade online

---

<sup>17</sup> Videoblog: vídeos em que uma pessoa filma uma experiência, se colocando em frente à câmera para falar algo, possibilitando que quem o assiste viva a experiência junto dele. O que é um Vlog e o que fazer para começar um? Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/blog/8311-o-que-e-um-vlog-e-o-que-fazer-para-comecar-um>. Acessado em 27/09/2025.

permite que o conteúdo alcance mais pessoas e crie a possibilidade de interação, algo que na crítica especializada e tradicional não era possível.

Esses criadores de conteúdo, apesar de falarem sobre todos os gêneros dentro da literatura, tendem a priorizar dois deles: livros escritos por *youtubers* e Young Adult/New Adult – que não é exatamente um gênero dentro da literatura (Almeida, 2022, p. 14).

Estes [Young Adult] seriam gêneros com protagonistas na faixa etária de 14 a 20 anos, distinguindo-se da literatura infantojuvenil tradicional por almejar deixar de lado a ingenuidade dos protagonistas e concentrar-se em temáticas mais “adultas” (por exemplo, identidade, sexualidade, relacionamentos familiares conflitivos, depressão, abuso de drogas, etc.). (...) Já a nova categoria NA, que teria surgido ao final dos anos 2000, impulsionada pelo sucesso de livros como *50 tons de cinza* e a saga *Crepúsculo*, inclui (como diferenciação em relação ao gênero YA<sup>18</sup>), temas como sexualidade e erotismo, início da vida profissional, dificuldades no trato social, etc., e situa-se entre os 18 e os 34 anos (ALMEIDA, 2022, p. 14).

Para Almeida (2022), os vídeos produzidos pelos *booktubers* se conectam em um certo padrão de criação. A crítica apresentada por esses criadores conta com uma seleção de títulos que possam interessar o público (uma forma de fazer o usuário na plataforma clicar vídeo), preocupação com a crítica, dinâmicas de intertextualidade (referenciando diferentes obras para exemplificar uma opinião ou fazer comparações entre ambos os livros), pesquisa sobre os autores da obra mencionada e o contexto que se passa a história principal da obra (Almeida, 2022, P. 14). Esse padrão apresentado, segundo Teixeira e Costa (2016), é observado principalmente em canais dos *youtubers* literários com formação acadêmica.

Na análise feita por Teixeira e Costa (2016), identificou-se que existem certas temáticas e obras mais “privilegiadas” que outras. Em especial, é mencionado a série *Harry Potter*, de J. K. Rowling, e *Percy Jackson e os olímpianos*, de Rick Riordan. Em grande maioria, as críticas são voltadas para livros de origem estrangeira (Teixeira; Costa, 2016, p. 14).

Teixeira e Costa (2016) ainda mencionam a probabilidade em relação à preferência desses títulos internacionais:

Isso pode ser compreendido como efeito das dinâmicas da globalização, potencializada por uma sociedade conectada em rede e consumidora massiva de produtos internacionais, em que os apelos e as

---

<sup>18</sup> Sigla para Young Adult.

estratégias do mercado editorial encontram espaço para expansão em uma lógica capitalista (TEIXEIRA; COSTA, 2016, p. 14).

Em pesquisa realizada por Balverdu (2014), é identificado que, no geral, os *booktubers* produzem e postam os vídeos ao sentir a necessidade de contar a experiência vivida ao longo da leitura para alguém. Além disso, esses criadores de conteúdo priorizam vídeos a escrita por entenderem que a produção gerará mais proximidade com quem o assiste, ademais de alcançar um público que não-leitor.

### 3.3 A análise do discurso para Foucault e Pêcheux

Gregolin (1995) afirma que os conceitos para entender a análise do discurso ainda não possuem “fronteiras delimitadas”. Em um contexto histórico, o estudo do que entendemos como “análise do discurso” conta com uma história longa, iniciada há cerca de 2 mil anos atrás (Gregolin, 1995, p. 1) e persiste até os dias de hoje.

O que seria o discurso, para Gregolin (1995), é um tipo de suporte para sustentar os textos que circulam em sociedade, sendo responsável para concretizar – o que a autora menciona em termos de “figura e temas”<sup>19</sup> – estruturas semióticas narrativas. A análise do discurso, então, viabiliza uma análise interna e externa. Onde, na interna, é possível entender o que tal texto diz e como ele diz. Já na externa podemos perceber o porquê o texto diz o que diz (Gregolin, 1995, p. 5).

Gonçalves (2009) comenta que a principal função desse método, a partir da análise de Michel Foucault, filósofo francês contemporâneo<sup>20</sup>, é tentar entender as condições históricas e sociais que provocaram uma entrada súbita de acontecimentos discursivos. Foucault (1986) procurou analisar exemplos dos próprios discursos, onde há uma quebra de laços aparentemente fortes, segundo ele, entre as palavras e as coisas, além de destacar um conjunto de preceitos próprios da prática discursiva.

Sendo assim, durante a análise, Foucault (1986) propõe que relações que se estabeleceram do “menor e mais simples grau” para o “mais amplo e complexo”<sup>21</sup>,

---

<sup>19</sup> Gregolin, 1995, p. 5.

<sup>20</sup> Michel Foucault: quem foi, o que defendia e principais pensamentos. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/michel-foucault/>. Acessado em 01/10/2025.

<sup>21</sup> FOUCAULT, M, 1986, p. 56.

em outras palavras, idealiza um ciclo esquemático, comparando o enunciado e a formação discursiva (Gonçalves, 2009, p. 12).

O enunciado, portanto, é um modo de se expressar que segue certas regras, podendo ser sociais ou linguísticas, para chegar à verdade, segundo Dreyfus e Rabinow (1995). Já o discurso é o conjunto de enunciados que seguem uma lista de regras comuns de funcionamento (Gonçalves, 2009, p. 13) – onde Foucault (1986) menciona que se apoiam na mesma formação discursiva.

Dado que, para Foucault, o discurso é uma dispersão de elementos não conectados a priori, caberia à análise do discurso observar tal dispersão e buscar as regras de formação que regeriam a formação dos discursos. Assim sendo, configura-se uma formação discursiva se for possível identificar na dispersão discursiva regularidades entre os objetos, os conceitos e as escolhas temáticas. Em outras palavras, as regras determinantes para uma formação discursiva apresentam-se como um sistema de relações entre objetos, tipos de enunciados, conceitos e estratégias. Dessa maneira, todos esses elementos em conjunto possibilitariam a passagem da dispersão para a regularidade (GONÇALVES, 2009, p. 13).

A análise do discurso, então, procura entender a linguagem de maneira histórica, pois o estudo é de “ruptura” (Rocha; Silva; Oliveira, 2022, P. 2), gerando uma série de reconsiderações sobre o fazer linguístico. Além da vertente e estudo de Michel Foucault, o também francês Michel Pêcheux procura interpretar de diferentes maneiras a prática da AD<sup>22</sup>: materialismo histórico, linguística e teoria do discurso (Mariani, 1998, p. 23).

Na análise de Pêcheux, segundo Mariani (1998), o materialismo histórico representa a teoria das formações sociais e suas transformações, enquanto a linguística simboliza a teoria dos processos não subjetivos de enunciação, já a teoria do discurso caracteriza a teoria da determinação histórica dos processos semânticos<sup>23</sup>. A teoria do discurso, então, conta com novas interpretações sobre conceitos históricos, língua, ideologia e inconsciente, recebendo novos significados em meios discursivos (Rocha; Silva; Oliveira, 2022, p. 3).

Ainda no ponto de vista de Michel Pêcheux, a análise do discurso é uma maneira de explicar textos simples ou a aplicação de uma teoria em prática sob um exemplo, segundo Rocha, Silva e Oliveira (2022). Nessa perspectiva, o sentido não

---

<sup>22</sup> Sigla para Análise do Discurso.

<sup>23</sup> MARIANI, B. O PCB e a imprensa; o imaginário sobre os comunistas nos jornais. Rio de

é claro ou objetivo, pois é necessário analisar o que Brasil (2011) determina como a materialidade<sup>24</sup> presente na AD.

A vertente francesa desta metodologia, oferece instrumentos teóricos e metodológicos que permitem ao analista incorporar as condições históricas e ideológicas em que o discurso foi produzido e, assim, experimentar gestos interpretativos e construções de sentido. Dito de outro modo, é possível ir além do conteúdo literal de um texto/discurso, percebendo como ele produz e veicula sentidos, evitando reduzi-lo a algo evidente, naturalizado, hermético (ROCHA; SILVA; OLIVEIRA, 2022, p. 3).

Como as metodologias de estudo sobre a análise de discurso podem variar, Rocha, Silva e Oliveira (2022) afirmam que é necessário explicar as principais categorias de análise, começando pelo que seriam os efeitos de sentido, gerados pelos enunciados. Além disso, os autores pontuam que o discurso é onde encontramos a relação entre a língua e a ideologia, em adição a ser definido pela formação discursiva<sup>25</sup>.

O estudo da AD não tem como foco a língua e gramática, ele envolve como principal o discurso que, em sua própria definição, conta com a “ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento” (Rocha; Silva; Oliveira, 2022, p. 4). Por isso, ir além da análise textual é fundamental para compreender e interpretar o discurso, observando questões sociais, históricos, políticos e ideológicos de quem discursa, para Rocha, Silva e Oliveira (2022).

Nem os sujeitos, nem os discursos e nem os sentidos estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo num movimento constante do simbólico e da história. Estes sentidos inacabados resultam das relações de força (poder) nas quais estamos inseridos. A construção de sentido se dá a partir do lugar no qual a fala do sujeito é constituída. Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, essas relações de força são sustentadas pelo poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na comunicação (ROCHA; SILVA; OLIVEIRA, 2022, p. 5).

Em resumo, o estudo de Michel Pêcheux entra como teoria crítica sobre a produção da linguagem (Narvaz; Nardi; Morales, 2006, p. 5). Sua pesquisa considera o mais importante a relação da linguagem com o contexto ou situação que foi produzida, ou seja, com a exterioridade, que tem como significado as “condições

---

Janeiro, RJ: Revan; Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1998.

<sup>24</sup> Para Pêcheux, onde sujeito é “um depósito de ideologia”, indiferente e a língua é um processo que percorre diferentes âmbitos da sociedade (Pêcheux, 1990, p.82).

<sup>25</sup> “[...] as palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam. Elas ‘tiram’ seu sentido dessas posições, isto é, em relação às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem” (ORLANDI, 2009, p. 42-43)

de produção dos discursos” (Narvaz; Nardi; Morales, 2006, p. 5), discurso no qual Pêcheux clarificava como efeito de sentido entre locutor e emissor.

Os sentidos mudam conforme a formação ideológica de quem o (re)produz, bem como de quem o interpreta. O sentido nunca é dado, ele não existe como produto acabado, resultado de uma possível transparência da língua, mas está sempre em curso, é movente e se produz dentro de uma determinação histórico-social, daí a necessidade de se falar em efeitos de sentido. Esses sentidos parecem evidentes, mas são, na verdade, efeitos ideológicos que provocam a ilusão de que um enunciado quer dizer o que realmente diz (NARVAZ; NARDI; MORALES, 2006, p. 5).

Agora, sob a ótica de Foucault, a área de conhecimento onde o discurso se encontra é formada pela heterogeneidade e a dispersão, caracterizada em temáticas, teorias, objetos e conceitos. Fica a critério da AD, então, estabelecer as regras sob a dispersão, buscando identificar a formação discursiva (Narvaz; Nardi; Morales, 2006, p. 5).

## 4 O SURGIMENTO DO LITERATURE-SE, YOUTUBE E A ANÁLISE DO CONTEÚDO CRÍTICO DE MELL

O terceiro e último capítulo deste trabalho traz a história de Mellóry e sua trajetória como criadora de conteúdo e crítica literária no canal *Literature-se*. A transformação do YouTube também é pautada, mencionando de que maneira a plataforma vem influenciando no conteúdo postado. Ao final, a crítica dos três vídeos escolhidos do canal de Mell é analisada a partir da teoria discutida anteriormente sobre a análise do discurso.

### 4.1 Mell Ferraz: História e trajetória

Mellory Ferraz é uma criadora de conteúdo literário nas redes sociais, em especial no YouTube, desde 2010. Sua trajetória na internet se iniciou quando criou seu blog sobre livros: *Literature-se*. Há 15 anos, Mell produz vídeos e postagens voltados para o meio literário que vão além de apenas críticas sobre a obra atual que está consumindo, mas também sobre rotina de leitura, hábitos, estudos e um pouco sobre sua vida pessoal.

A fundadora do blog e canal do YouTube do *Literature-se* é graduada pela Unicamp em Estudos Literários; e mestre em Estudos de Literatura (com foco na escritora Virgínia Woolf) pela UFF, segundo postagem feita por ela no Instagram.<sup>26</sup> Além das publicações nas redes sociais, Mell promove leituras conjuntas mensais abertas ao público e grava episódios de podcasts, disponíveis para apoiadores em uma campanha de financiamento de uma plataforma.

Inicialmente, Ferraz planejava cursar Direito, curso no qual ela passou pelo vestibular, fato que ela menciona no vídeo ‘*Sobre vestibular e faculdade #VEDJ 9*’. Ao escolher sua formação, a criadora acreditava que se tornar uma advogada não a faria feliz, então, ela deixou “seus preconceitos de lado quanto a área de letras” e buscou sua satisfação no âmbito de Estudos Literários. Mell ainda menciona que a

---

<sup>26</sup> @blogliteraturese. Prazer, eu sou a Mell Ferraz, e você está no Literature-se! 📖 Minha nossa senhorinha, acabei de me dar conta de que eu me apresento assim há 14 anos, desde quando, em 2010, criei o Literature-se para encontrar outras pessoas apaixonadas por livros como eu! (...) Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCw8uAixH4r/>. Acessado em 21/10/2025

fama da sua formação não é tão boa, por se tratar de um curso novo na área da literatura, porém ela acredita que é algo que os profissionais da área “tem que saber lidar e formar”, afinal, eles estão formando o mercado de trabalho para tal. A criação do blog foi fundamental para que Mell escolhesse sua formação, principalmente quando percebeu que o *Literature-se* estava crescendo e a deixando feliz.

O *Literature-se* começou tendo foco em assuntos voltados para a moda, Mell menciona em seu vídeo ‘Respondendo sobre #2 | Canal e blog #1’<sup>27</sup> que o tema não tem a ver com seus gostos pessoais e que estava “perdida na vida” quando o criou. Sua principal motivação ao produzir para a página foi uma mudança de cidade, onde ela comenta que não tinha conhecidos e se sentia sozinha. Então, ao criar o *Literature-se*, Mell teve a oportunidade de se comunicar com outras pessoas. Ainda no vídeo, a criadora afirma que em menos de 1 mês, o blog passou a ter como foco principal a literatura.

[Moda] não tem nada a ver comigo, literatura é a minha paixão. Eu já amava ler, eu amo ler desde os meus 9 anos, então, foi muito bacana pra mim. O vlog<sup>28</sup> eu criei no mesmo ano (2010) só que em julho. (...) O primeiro vídeo foi mais caseiro, com as minhas amigas. No final de julho é que eu fiz o primeiro vídeo sobre livros (FERRAZ, 2015).

Ao produzir seus vídeos sobre opinião, por exemplo, Méllory comenta que sentiu uma mudança ao expressar seu ponto de vista conforme o tempo passou. A prática de expor seus pensamentos no YouTube possibilitou que sua fala ficasse mais clara e objetiva, além de ajudá-la a desenvolver seus argumentos e compartilhar com quem conversa (FERRAZ, 2015).

Em 2015, ainda em seu vídeo respondendo perguntas sobre o canal e o blog, Mell comenta que não esperava o crescimento nas plataformas digitais. “É impossível você conseguir imaginar isso. (..) Me deixa tão feliz, porque mostra que o que eu produzo aqui pra vocês realmente agrada, então, isso é sensacional” (FERRAZ, 2015).

Os comentários dos seguidores de Mell no canal *Literature-se*, segundo ela em vídeo postado na plataforma, auxiliam de forma respeitosa sua vida como leitora. Ferraz diz que seus inscritos colaboram ao corrigir possíveis erros, indicar livros para

---

<sup>27</sup> Literature-se. Respondendo sobre #2 | Canal e blog #1. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HtRw8-uQRRY&list=PLt4z0dMcJsCFxtfDhi7feqbJWUWntxmF&index=15>. Acessado em 21/10/2025.

próximas análises e à proporcionaram a ter contato com obras nas quais ela não imaginava conhecer, além de permitir que a criadora encontrasse parcerias para ampliar ainda mais seu trabalho na internet.

A conexão e proximidade com outros leitores faz com que Mell queira continuar sua jornada como crítica, criadora de conteúdo e *youtuber*<sup>29</sup>. Em vídeo postado em 2015, a criadora do *Literature-se* afirma que o seu vídeo favorito do canal naquele momento era uma resenha sobre a obra *Psicanálise dos contos de fadas* de Bruno Bettelheim.

Foi muito difícil pra fazer, eu confesso. Mas me deixou muito feliz porque vocês [inscritos do canal], pelo jeito, gostaram bastante. (...) Foi uma leitura difícil, mas que eu gostei e que eu consegui – eu acho – passar a minha experiência de leitura. Então, eu gostei bastante daquele vídeo (FERRAZ, 2015).

Dentre seus autores favoritos, Mell cita Machado de Assis, Jorge Amado e Graciliano Ramos.

Entre os vídeos de críticas mais vistos no canal de Mell Ferraz estão *Macunaíma, de Mário de Andrade*<sup>30</sup>, clássico brasileiro do autor paulista; *LOLITA, de Nabokov (OU COMO CRIAR POLÊMICAS EM SEU CANAL)*<sup>31</sup>, que reflete sobre o romance polêmico entre os personagens Humbert Humbert e Dolores Haze – a Lolita, de apenas 12 anos e *A hora da estrela, Clarice Lispector #VEDJ 18*<sup>32</sup>, livro no qual Mell afirma ser o menos hipócrita que já leu.

## 4.2 A transformação do YouTube ao longo dos anos

A internet abriu portas para que várias ferramentas fossem apresentadas ao mundo, dentre elas o YouTube. A plataforma de vídeos foi criada em 2005 por Jawed

---

<sup>28</sup> Canal do YouTube *Literature-se*.

<sup>29</sup> Literature-se. Respondendo sobre #4 | Canal e blog #2. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vcqtWJiqXkI&t=10s>. Acessado em 21/10/2025.

<sup>30</sup> Literature-se. Macunaíma, de Mário de Andrade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qXXCt43CyB8>. Acessado em 21/10/2025.

<sup>31</sup> Literature-se. LOLITA, de Nabokov (OU COMO CRIAR POLÊMICAS EM SEU CANAL). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DQQyslTpfpE>. Acessado em 21/10/2025.

<sup>32</sup> Literature-se. A hora da estrela, Clarice Lispector #VEDJ 18. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=wM\\_VnWs0ouU](https://www.youtube.com/watch?v=wM_VnWs0ouU). Acessado em 21/10/2025.

Karim, Steven Chen e Chad Hurley<sup>33</sup> com o propósito de postar vídeos para compartilhar entre amigos. O primeiro vídeo foi postado por Karim e mostra o fundador em um zoológico. Em outubro de 2006, o Google comprou a companhia por 1,65 bilhões de dólares.<sup>34</sup>

Ao longo dos anos, a plataforma foi se consolidando e, hoje, pode ser considerada um banco de produtos audiovisuais, para além de um canal de entretenimento, educação e cultura. A internet como um todo chega para incitar o público que deseja ser representado ou representar e, assim, desenvolve tais vontades a partir de imagens, pois as pessoas criam, usam e consomem imagens (PELLEGRINI; REIS; MONÇÃO; OLIVEIRA, 2010, p. 2 e 3).

Ainda nos primeiros cinco anos da história do YouTube, o sistema proporcionou àqueles que apenas tinham um blog postassem vídeos, afirmam Pellegrini, Reis, Monção e Oliveira (2010).

Nesse contexto todo, o YouTube vem ocupando cada vez mais espaço. A comunicação se dá com pessoas conhecidas e desconhecidas, próximas e distantes, interagindo esporádica ou sistematicamente. A tradução do slogan do site - Broadcast Yourself, que significa "Divulgue-se" - caracteriza o perfil do YouTube e de muitas das pessoas que o acessam e o utilizam. E como já foi dito, este trabalho se voltará justamente para o enfoque do YouTube como meio de visibilidade pessoal, de como os vídeos contribuem para isso. São muitos os exemplos de pessoas que se utilizam da popularidade e das facilidades do site para se tornarem conhecidas, às vezes mundialmente (PELLEGRINI; REIS; MONÇÃO; OLIVEIRA, 2010, 5).

Depois da primeira postagem na rede, novos vídeos foram divulgados por lá e, em sua maioria, pareciam com o pioneiro gravado pelos seus criadores. Carlón (2013) indica que *Me at the zoo*<sup>35</sup> estabeleceu aquilo que o slogan do site deseja: publicar o que as pessoas desejam.

A plataforma se transformou e, para Carlón (2013), isso se deve ao crescimento de conteúdo de criados por profissionais da área de entretenimento. Ou seja, a mídia ali postada deixa de ser amadora e passa a ter conteúdos profissionais. Acredita-se que, ao ser adquirido pelo Google, o YouTube sofreu essa

---

<sup>33</sup> MARI, A. Conheça a história dos 15 anos do YouTube. Disponível em: <https://forbes.com.br/negocios/2020/09/conheca-a-historia-dos-15-anos-do-youtube/>. Acessado em 14/10/2025.

<sup>34</sup> PELLEGRINI; REIS; MONÇÃO; OLIVEIRA, 2010, p. 4

<sup>35</sup> Nome do primeiro vídeo postado na plataforma YouTube.

mudança que exigiu transformações (KIM, 2012).

(...) em 2009 o YouTube foi reconfigurado, estabelecendo a entrada por meio de quatro grandes categorias (gêneros): Filmes, Música, Show e Vídeo, das quais apenas Vídeo é uma categoria com conteúdos gerados pelos usuários. Em 2011, começou a oferta de vídeos pagos on demand (em julho de 2011, 72 dos primeiros 100 vídeos eram de grandes distribuidoras). Por fim, os principais significados da reorganização do YouTube são: separar os vídeos de marca dos CGU<sup>36</sup>; estabelecer uma organização tradicional por gênero; definir uma aplicação rigorosa de proteção dos direitos autorais e constituir um ambiente amigável para os anúncios publicitários (CARLÓN, 2013, p. 8)

Ao longo dos 20 anos do YouTube, completados em 2025, a plataforma cresceu ao ponto de impactar culturas de todo o mundo. Em matéria do Google, os desenvolvedores afirmam que, nas últimas décadas, o site de vídeos se tornou parte da rotina de milhões de brasileiros.<sup>37</sup> O Brasil faz parte de uma lista de países mais ativos na plataforma e, segundo a matéria de Bruno Telloli, em junho de 2024 foram mais de 100 bilhões de visualizações apenas de pessoas do país.

Dentre as diversas mudanças da plataforma, sendo elas gráficas e na forma de compartilhar o vídeo, o YouTube passou a ser consumido de maneiras diferentes. Em suma, isso se dá pela evolução da tecnologia e suas ferramentas e o que antes poderia ser visto apenas em computadores, hoje, é assistido em celular, tablets e televisões. Ainda segundo matéria da empresa, 75 milhões de pessoas acessam a plataforma pela TV.<sup>38</sup> Essa mudança viabilizou que os profissionais que trabalham com o YouTube alcançassem diferentes públicos.

Com a popularidade do TikTok nos últimos 5 anos, em especial, o YouTube precisou se adaptar novamente ao avanço da procura por vídeos mais curtos. A criação de conteúdo pelo TikTok é fácil e alcança diferentes públicos pelo celular e, devido os vídeos curtos, gera um efeito de “engajamento viciante” (ARAÚJO; GODINHO, 2023), mantendo o espectador por muito mais tempo na plataforma.

---

<sup>36</sup> Conteúdos gerados por usuários (KIM, 2012).

<sup>37</sup> TELLOLI, B. 20 anos de YouTube no Brasil: formatos, hábitos e oportunidades. Disponível em: <https://business.google.com/br/think/search-and-video/youtube-20-anos-brasil/>. Acessado em 15/10/2025.

<sup>38</sup> TELLOLI, B. 20 anos de YouTube no Brasil: formatos, hábitos e oportunidades. Disponível em: [https://business.google.com/br/think/search-and-video/youtube-20-anos-brasil/#:~:text=Esse%20movimento%20mudou%20o%20jeito%20de%20assistir%20ao%20YouTube%3A%20hoje%2C%20mais%20de%2075%20mil%3B5es%20de%20pessoas%20acessam%20a%20plataforma%20diretamente%20pela%20televis%C3%A3o](https://business.google.com/br/think/search-and-video/youtube-20-anos-brasil/#:~:text=Esse%20movimento%20mudou%20o%20jeito%20de%20assistir%20ao%20YouTube%3A%20hoje%2C%20mais%20de%2075%20mil%3B5es%20de%20pessoas%20acessam%20a%20plataforma%20diretamente%20pela%20televis%C3%A3o.). Acessado em: 15/10/2025.

Sendo assim, o YouTube implementou a opção de ‘Shorts’, vídeos curtos que funcionam da mesma maneira do TikTok, além de serem entregues para mais pessoas e prender a atenção de quem os consome. Essa modalidade ultrapassou 70 bilhões de visualizações diárias e, para o Youtube, é uma parte essencial para uma experiência completa no site e aplicativo.<sup>39</sup>

### 4.3 A mudança na crítica de Mell Ferraz em 15 anos

Como objeto de análise para esse trabalho, foram escolhidos três dos vídeos mais vistos do canal *Literature-se* nos últimos 15 anos, sendo eles: *[Resenha] As vantagens de ser invisível*, *Macunaíma*, de *Mario de Andrade* e *HAMLET*, de *Shakespeare*.



Figura 1 - Mell Ferraz em vídeo sobre a crítica literária de *As vantagens de ser invisível* (Reprodução/YouTube)

Começando, respectivamente, pelo vídeo de análise, ilustrado na Figura 1, sobre o livro ‘*As vantagens de ser invisível*’, nota-se uma peculiaridade no título da postagem: a palavra *resenha*. A *resenha* é um texto – ou, no caso, um vídeo – que apresenta uma obra, podendo ser um livro ou artigo científico, de forma que o resenhista conte sobre a produção para excitar o leitor ou ouvinte para consumir a obra (GONÇALVES, 2020, p. 5), enunciando sua opinião como leitor comum, a partir da análise de Michel Foucault sobre o discurso e condição social, discutido no capítulo dois deste trabalho. O vídeo foi postado em julho de 2014 e, hoje, conta

---

<sup>39</sup> TELLOLI, B. 20 anos de YouTube no Brasil: formatos, hábitos e oportunidades. Disponível em: <https://business.google.com/br/think/search-and-video/youtube-20-anos-brasil/#:~:text=Globalmente%2C%20o%20Shorts%20ultrapassou%2070%20bilh%C3%B5es%20de%20visualiz>

com 51.151 visualizações no total, sendo a crítica mais vista no canal nos primeiros cinco anos de trabalho.

Mell inicia o vídeo introduzindo brevemente o assunto da gravação e logo corta para a vinheta do canal. Ela, então, começa dizendo que os telespectadores tenham paciência, pois, em sua crítica, ela comenta sobre opiniões divergentes à maioria do público daquela obra, em específico. Essa menção aos leitores fomenta a análise de enunciados de Foucault, ainda em relação ao meio social como apresentado no segundo capítulo.

As pessoas têm, sabe, opiniões totalmente diferentes das suas e você tem que saber respeitá-las. (...) Eu respeito a sua opinião se você é apaixonado por esse livro, assim como eu também a opinião de quem não acha esse livro tão bom e também respeito a opinião de quem acha esse livro horrível (FERRAZ, 2014).

A *booktuber* afirma que está fazendo tais esclarecimentos pois já recebeu comentários negativos após críticas passadas à outras obras consideravelmente famosas no mundo literário, o que revela sua consciência de que fala sobre um discurso dominante relacionado às obras famosas do meio. Assim, depois de finalizar a breve explicação, Mell inicia sua crítica afirmando que “não é um dos melhores livros”<sup>40</sup> que já leu. “É um livro bem “mais ou menos” pra mim, apesar de pender mais para o lado negativo”, afirma ela no vídeo postado em 2014. A observação de Mell sobre a opinião prévia da massa ajuda a observar que, na teoria de Pêcheux, existe um discurso retomado do âmbito midiático e cultural no meio digital, ou seja, o interdiscurso, afinal, ela se preocupa com a própria fala por ser diferente da grande maioria.

Ferraz inicia a introduzir a história do livro e fala do personagem principal. Ao longo do enredo, o personagem Charlie escreve diversas cartas para uma pessoa desconhecida, sujeito no qual Mell acredita ser alguém que Charlie conhece, afirma durante os primeiros minutos da crítica. Mellóry, então, elogia a funcionalidade das cartas escritas pelo personagem, pois elas dão a “ideia de que ele está

---

[a%C3%A7%C3%B5es%20di%C3%A1rias%20de%20hoje%20%C3%A9%20uma%20parte%20essencial%20da%20experi%C3%Aânci%C3%A1%20completa%20no%20YouTube11](#). Acessado em 15/10/2025.

<sup>40</sup> Literature-se. [Resenha] As vantagens de ser invisível. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JD6QO-BhFzk&list=PLxs8gVghJUZPlliLpPbjtiACf51z60qSC&index=4>. Acessado em 21/10/2025.

conversando”<sup>41</sup> com o leitor. “Isso é muito bacana, fica como sendo uma conversa entre você e o personagem principal” (FERRAZ, 2014).

Neste ponto, em específico, é possível observar o processo de uma formação discursiva que valoriza a originalidade ideológica a partir do interdiscurso cultural como qualidade na escrita, permitindo uma narrativa mais envolvente sobre as cartas de Charlie, conforme observa a teoria de Pêcheux. Tal discurso, então, possibilita prender o leitor, assim como Mell, que causa um efeito ideológico com o comentário.

Ao caracterizar Charlie, Mell critica negativamente a tradução do título do livro, visto que a obra define quem é o personagem principal a partir desse momento. Dessa forma, ela envolve uma instituição importante para a análise: o mercado editorial, assim como estudado por Foucault e as relações sociais e históricas em meio ao discurso.

Ferraz descreve o protagonista como “uma pessoa diferente” e “peculiar”.

Essa tradução aqui do título ficou um pouco infeliz, digamos. (...) Eles traduziram *wallflower* para invisível e, na verdade, não é [isso]. *Wallflower* é aquela pessoa está ali no ambiente, só que, de tão retraída que ela é, ela meio que não participa, ela só observa, mas ela não é invisível, ela está ali e – em todos os momentos – o Charlie estava ali (FERRAZ, 2014).

Mell, então, continua a contar sobre a história de Charlie e comenta sobre o suicídio do melhor amigo do personagem, morte na qual ela acredita não ser bem representada no livro a partir dos sentimentos do protagonista, o que desconsidera a possibilidade de haver um silenciamento ideológico no discurso, a partir da teoria de Pêcheux. “O livro não tem essa carga pesada, dramática no começo. É mais pro final” (FERRAZ, 2014). A crítica introduz outros dois personagens importantes para o enredo: Patrick e Sam, mostrando a relevância de ambos para a vida de Charlie.

Ela descreve de que maneira a realidade do personagem principal se transforma ao conhecer Patrick e Sam, afirmando que a mudança que ambos permitiram que acontecessem para Charlie foi “muito bonita”.

Esse é um dos principais pontos, aqui, positivos do livro, que seria a amizade que ele desenvolve com esses dois personagens, porém, (...) o

---

<sup>41</sup> Literature-se. [Resenha] As vantagens de ser invisível. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JD6QO-BhFzk&list=PLxs8gVghJUZPlliLpPbjtiACf51z60qSC&index=4>. Acessado em 21/10/2025.

Charlie é uma pessoa diferente, então, ele é muito retraído, sim. (...) Aquela empatia que você desenvolve por algumas pessoas e por situações, simplesmente não aparece ali na vida dele (FERRAZ, 2014).

Percebe-se que, durante suas falas, Mell reproduz marcadores que auxiliam na fala de opinião, especialmente “essa”, “esse”, “isso” e “aquele”. A menção dessas palavras ajuda a entender a posição que Ferraz possui sobre a obra, além de demonstrar sua condição social e histórica quando o vídeo foi gravado, a partir da teoria de Foucault sobre a análise do discurso.

A *youtuber* também elogia citações sobre a cultura pop feitas em ‘*As vantagens de ser invisível*’, particularmente sobre a do mundo literário, envolvendo novamente em sua crítica o mercado editorial e cultural, proporcionando que a teoria de Pêcheux seja aplicada. Mell considera a referência à obras literárias como o segundo ponto principal sobre o livro. No entanto, logo em seguida, desprecia a maneira como as cartas eram escritas. Na visão de Ferraz, todas elas tinham uma mesma mensagem. “‘É muito legal’ e só. Ele [Charlie] não comenta, não é crítico sobre a vida, inclusive sobre os livros que ele lê. (...) É difícil ele dar um ponto de vista diferente sobre a história.”, afirma ela no vídeo ‘*[Resenha] As vantagens de ser invisível*’.

Ao final da leitura, Mell explica que o autor traz os motivos do porquê Charlie é diferente, motivos nos quais ela afirma não gostar. Ferraz declara que a explanação é muito “perturbadora” e “desnecessária”, remetendo, dessa forma, um tipo de memória discursiva histórica, observada no capítulo dois, sobre o papel do autor.

Muitas pessoas são como o Charlie, só que não passaram por coisas dramáticas ou (...) traumáticas. Tá, ele quis expor isso, mas eu acho que isso meio que deixa o *wallflower* bem estereotipado e as coisas não são bem assim sempre, sabe? (FERRAZ, 2014).

Apesar de entender a fama do livro, Mell diz que sua experiência pessoal não foi tão afetiva. Ferraz afirma que demorou para finalmente gostar do que lia e do personagem principal, afinal, a obra tem consideravelmente poucas páginas (288 páginas). Brevemente, Mellóry comenta sobre a data de publicação de ‘*As vantagens de ser invisível*’ e demonstra interesse para assistir à adaptação para o cinema da obra. “Eu tentei assistir, mas não consegui baixar direito (...), mas eu

ainda assisto um dia. Dizem que é muito bom, que é melhor que o livro – geralmente as pessoas gostam mais do livro do que do filme” (FERRAZ, 2014).

Em suma, a crítica sobre *‘As vantagens de ser invisível’* de Mell não fez considerações sobre o autor e outras obras dele, apesar de mencionar que acha algo positivo ele estar envolvido na adaptação cinematográfica. Durante a opinião, Mellóry também não cita explicitamente outros autores, filiando-se a uma formação discursiva mais individualizada, se distanciando do conceito de interdiscurso da teoria da AD prevista no capítulo dois deste trabalho. Além disso, ela fez poucas considerações sobre a escrita em si, apenas menciona, de maneira negativa, como as cartas de Charlie sempre tinham o mesmo conteúdo, possibilitando que, no enunciado, o debate entre sua crítica e a de outros leitores ocorra, sob a ótica de Foucault.

Logo, Ferraz fez várias observações sobre o enredo e os personagens da obra, em especial sobre o protagonista a partir de uma leitura mais pessoal e não traz questões ideológicas de oposição claras, seguindo a perspectiva da AD de Pêcheux. No mais, fica claro que, apesar de dizer que não odiou a obra, em seu discurso, fica implícito que não gostou do livro, especialmente quando Mell menciona que a leitura não foi afetiva.

O segundo vídeo para análise é a perspectiva de Mell sobre o clássico de Mario de Andrade: *Macunaíma*<sup>42</sup>. A partir daqui os títulos das críticas do canal perdem a palavra “resenha” e apenas contam com o nome do livro e do autor. A postagem foi realizada no dia 14 de junho de 2015 e conta com 147.870 visualizações, sendo a crítica mais vista no canal *Literature-se* até o momento.

---

<sup>42</sup> Literature-se. Macunaíma, de Mário de Andrade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qXXCt43CyB8&t=261s>. Acessado em 21/10/2025.



Figura 2 - Ainda no início da crítica, Mellóry fala sobre Mário de Andrade e o contexto de Macunaíma (Reprodução/YouTube)

Ferraz começa informando o nome do livro e o ano de publicação (1928), contextualizando, assim, o saber sobre o livro e sua própria autoridade, se analisado pela ótica de Foucault. Ela também inteira que a obra fez parte da Semana de Arte Moderna de 1922, momento histórico de modernização da arte no Brasil<sup>43</sup>, apesar de ter sido publicado posteriormente, inserindo o livro em um interdiscurso sobre o modernismo e a cultura brasileira. Mell também comenta brevemente sobre Mário de Andrade, ilustrado na Figura 2, e o contexto histórico da obra. “Nele [Macunaíma], a toda uma questão de construir a imagem do Brasil”, afirma ela em vídeo.

Quando conta sobre Mário de Andrade e rapidamente sobre a história do autor, Mell produz novamente saber e autoridade em cima das informações citadas do autor, obra e contexto histórico, a partir da AD teorizada por Foucault.

Ao longo da crítica, Mellóry enfatiza o caráter nacional de Macunaíma e como o livro se diferencia, portanto, do romantismo de José de Alencar, ou seja, o discurso produz um sentido que atravessa as oposições ideológicas entre o romantismo e o modernismo do clássico. “[Macunaíma é de caráter nacional, mas de origem crítica, bem crítica”, comenta Mell. Ela segue explicando a escrita de Mário e as abordagens cômicas tomadas ao retomar certos aspectos brasileiros. Assim, a *booktuber* introduz o personagem principal, de mesmo nome do livro, contanto como ele “não é herói”<sup>44</sup>, mas sim anti-herói.

<sup>43</sup> 100 anos da Semana de Arte Moderna: a semana que transformou a cultura brasileira. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/100-anos-da-semana-de-arte-moderna-a-semana-que-transformou-a-cultura-brasileira>. Acessado em 18/10/2025.

<sup>44</sup> Literature-se. Macunaíma, de Mário de Andrade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qXXCt43CyB8&t=261s>. Acessado em 21/10/2025.

Enquanto o projeto do romantismo seria idealizar os seus personagens, principalmente seu protagonista aqui no modernismo, aqui em *Macunaíma*, você tem todo um narrador mostrando um lado totalmente negativo de um herói, então, nós temos um anti-herói (FERRAZ, 2015).

Mell começa a narrar a história do protagonista, afirmando que *Macunaíma* era uma pessoa “peculiar”, visto que ele era “preguiçoso” e travesso, caracterizando o personagem dentro de um interdiscurso cultural, a partir da análise de Pêcheux, além de continuar a exercer saber e autoridade sobre a obra, sob a ótica de Foucault. Ao longo da trajetória da obra, o personagem principal conhece outros sujeitos importantes para o enredo, em especial Ci, seu interesse romântico.

Ferraz explica o relacionamento de ambos e da morte do filho casal logo ao nascer, resultando na morte da parceira do protagonista também, indicando momentos centrais para o enredo de *Macunaíma*, continuando a trazer saber, conforme teoria de Foucault. Após isso, Mell comenta sobre a aventura de *Macunaíma* atrás de um amuleto que Ci o presenteou que foi roubado (FERRAZ, 2015).

Ao longo da contextualização do enredo, Mell elogia a narrativa. “É muito interessante. Ele é um livro totalmente cômico, então, a gente acaba dando muitas risadas com o que é narrado pra gente”, explica ela. Contudo, a crítica identifica que a linguagem coloquial utilizada na obra não aproxima o leitor ao livro, evidenciando interdiscursos culturais e linguísticos que dificultam a conciliação entre o livro e quem o lê. “Tem muitas palavras de origem indígena que a gente desconhece, (...) fica um pouco confuso, perdido ali no meio da narrativa”<sup>45</sup>, completa Mellóry.

Em seguida, ela elogia o aspecto folclórico e fantasioso da obra, onde são apresentadas lendas de origem brasileira que são conhecidas ou inexploradas, reforçando novamente o caráter de identidade nacional sobre interdiscursos já existentes que a obra propõe, segundo Pêcheux, além de produzir saber sobre a cultura brasileira. Mell explica que *Macunaíma* “não tem uma fidelidade cronológica”, reforçando seu papel de autoridade na crítica, sob a ótica de Foucault.

No fundo, você percebe uma linha de raciocínio cronológica temporal, mas ele não é fiel a isso. E ele também não é fiel quanto ao espaço. (...) É muito interessante, porque o livro tem esse aspecto de surreal, de fantástico,

---

<sup>45</sup> Literature-se. *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qXXCt43CyB8&t=261s>. Acessado em 21/10/2025.

então, a gente tem que entender (...) o fato do nosso herói passar por algumas situações que a gente não crê naquilo (...). Não há aquela verossimilhança do realismo que a gente tá acostumado a encontrar em livros (FERRAZ, 2015).

Ferraz enaltece novamente a fantasia de *Macunaíma* e compara tal característica a outro livro, chamado *Cem anos de solidão*, de Gabriel García Márquez, estabelecendo um interdiscurso literário entre duas obras e incitando ideologias culturais e literárias. Ela ainda completa sustentando que gostou da obra e que foi uma “experiência totalmente diferente”, pois, segundo ela, o leitor brasileiro não está acostumado a ler livros nacionais, em especial produções modernistas (FERRAZ, 2015), onde caracteriza um fato sobre o leitor, no ponto de vista de Foucault.

Apesar de ter gostado, Mell afirma que a obra de Mário de Andrade não se tornou uma “paixão”, demonstrando novamente um nível de autoridade sobre sua interpretação, quando analisado sobre a ótica da teoria de Foucault, utilizando sua experiência como exemplo.

Ela continua sua crítica ao mencionar um capítulo, parte na qual ela diz ser uma das mais significativas da obra, exercendo mais uma vez o saber na crítica de *Macunaíma* orientando o público que a assiste. Mellóry conta os acontecimentos do momento do livro e comenta o quão “engraçado” é (FERRAZ, 2015). “Esse capítulo é repleto de ironia, porque vai ter uma crítica pra aquela sociedade que falava uma língua, mas escrevia outra”, sustenta Mell, analisando como o conteúdo produz sentidos ideológicos no discurso. Ferraz afirma que esse é “o melhor capítulo do livro”<sup>46</sup>, evidenciando um papel de autoridade de forma reiterada.

Você tem aí um livro superinteressante, que aborda algumas questões brasileiras, é um projeto nacional, apesar de apresentar muitas críticas. E eu acho que (...) tem uma certa dificuldade, sim, em você ler, porque ela vai abordar muitas coisas indígenas, muitos nomes, termos indígenas que você desconhece. Era uma intenção do autor causar esse certo estremecimento (...) no leitor, porque nós estamos acostumados aos estrangeirismos, nós não estamos acostumados à nossa própria cultura (FERRAZ, 2015).

Mell, antes de finalizar, fomenta que o contexto do livro faz com que o leitor pense e reflita sobre a realidade do país, situações nas quais “incomodam”, segundo

---

<sup>46</sup> Literature-se. *Macunaíma*, de Mário de Andrade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qXXCt43CyB8&t=261s>. Acessado em 21/10/2025.

a crítica, desempenhando uma vez mais sua função autoritária, a partir da teoria de AD de Foucault vista no segundo capítulo. Além disso, ela deixa claro a conexão entre interdiscursos sociais e culturais de forma ideológica apoiado na análise do discurso de Pêcheux.

De forma concisa, a crítica de Mell fez considerações sobre o autor, evidenciando sua autoridade. Em especial, ela comenta sobre a escrita de caráter moderno e o contexto que Mário de Andrade fez parte na Semana de Arte Moderna, demonstrando o interdiscurso histórico-cultural da obra e autor, além de evidenciar a oposição ideológica entre romantismo e modernismo, mas não citou demais obras do literato. Ao longo do vídeo, ela fez grandes observações sobre a escrita, sendo elas boas e ruins. E, enfim, opinou em diversos momentos sobre a história do personagem principal e suas aventuras ao longo do enredo (FERRAZ, 2015), proporcionando o saber acerca do clássico modernista brasileiro.

O último vídeo em questão foi postado no dia 24 de outubro de 2020 e conta com 43.272 visualizações até o momento. A crítica se trata da obra de William Shakespeare, *Hamlet*, clássico da dramaturgia escrito entre o final dos anos 1500 e o início dos anos 1600. Ferraz (2020) inicia comentando sobre a edição que escolheu, ilustrada na Figura 3, e que *Hamlet* é a terceira peça de Shakespeare que a crítica lê, atestando que a cada obra do autor ela sente sua cabeça explodir – conectando a peça com outros projetos de Shakespeare, formando interdiscurso literário – pois, para ela, as criações do escritor inglês “nos faz questionar sobre muitas coisas”<sup>47</sup>.

Ao dizer que as obras do autor inglês geram questionamentos, Mell configura um fato discursivo, provocando, dessa forma, possíveis reflexões que podem afetar outros leitores e validando sua visão crítica, conforme análise de Foucault.

---

<sup>47</sup> Literature-se. HAMLET, de Shakespeare. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jxizq3H6mE0&list=PLxs8gVghJUZPiliLpPbjtiACf51z60qSC&index=6>. Acessado em 21/10/2025.



Figura 3 - A edição possui outros dois volumes em capa dura que contam a história da peça (Reprodução/YouTube)

Mell comenta um pouco sobre Shakespeare e algumas curiosidades do autor. Para ela, poucas pessoas conhecem sobre a vida dele em si e pouco se sabe sobre a história do escritor de clássicos como *Romeu e Julieta*, reforçando seu papel de autoridade na crítica, tal como proposto por Foucault, além de mostrar os vãos históricos que envolvem o autor.

(...) Se questionam se ele realmente existiu, se essas peças não foram escritas por outros escritores, mas eu também acho que isso tem um pouco de preciosismo e até de pedantismo por parte de uma galera que acha que uma pessoa que não tinha cursado algo na faculdade (...), não pudesse escrever coisas geniais como essas (FERRAZ, 2020).

Na crítica, Mell também fala sobre como críticos veem as obras de Shakespeare, afirmando que muitos deles achavam sua escrita não inovadora em termos de história, pois muitas delas tinham “cunho de lendas”<sup>48</sup>, todavia o drama envolvido nos trabalhos era único e “original de mais” (FERRAZ, 2020). Assim, o comentário indica os interdiscursos, ou seja, ela menciona algo já dito sobre o autor a partir da visão de outros críticos.

A *booktuber*, então, introduz a história contada no livro/peça e um pouco mais sobre o protagonista de mesmo nome da obra. Ela contextualiza o local de onde se passa a criação e quem é o personagem: o príncipe da Dinamarca, reafirmando o conceito de autoridade, sob a ótica de Foucault. Ferraz (2020) conta sobre a tragédia da morte do pai de Hamlet e o novo casamento da mãe do personagem

<sup>48</sup> Literature-se. HAMLET, de Shakespeare. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jxizq3H6mE0&list=PLxs8gVghJUZPliLpPbjtiACf51z60qSC&index=6>. Acessado 21/10/2025.

principal, fatos no qual irão influenciar toda a história. Nesse momento do discurso, se destaca o interdiscurso literário e sentidos ideológicos clássicos, como o de herança e poder na família da figura principal, conforme análise do discurso proposta por Pêcheux.

Mell explica sobre a aparição do fantasma do pai do protagonista e como esse surgimento logo no início do livro influencia na reação do público, apresentando, portanto, uma orientação ao leitor e como ele se sente ao chegar nessa parte da peça. Tal característica permite que a análise de Pêcheux também seja aplicada, a partir do elemento simbólico e ideológico do fantasma, mostrando o sentido que aquela cena impacta socialmente.

[O fantasma] aparece logo no começo, na primeira cena, porque, naquela época, o teatro elisabetano tinha uma constituição do palco que adentrava o público, então, tinha muita balbúrdia acontecendo e, se algo muito comovente como a aparição de um fantasma acontecesse logo no começo, isso já iria acalmando o público (FERRAZ, 2020).

Seguindo a diante, Ferraz (2020) narra o encontro entre Hamlet e o fantasma do pai e a revelação do assassinato cometido pelo tio do protagonista e irmão do fantasma, momento no qual Mell enfatiza que a história da peça, então, é sobre vingança, afinal o pai de Hamlet pede para que o personagem mate o próprio tio, que agora é casado com a mãe dele e rainha da Dinamarca, mostrando que o tema mobiliza um discurso ideológico voltado para a justiça e poder familiar, sob ótica de Pêcheux. “Essa peça é repleta de conspirações, de artimanhas, (...) não apenas de Hamlet em relação ao seu tio (...), mas também entre outros personagens” (FERRAZ, 2020). Na citação, Mell orienta novamente o leitor na função de autoridade, como observa Foucault na teoria de AD.

Mellóry continua a descrever sobre o enredo e traz novos personagens em cena, fundamentando seu papel autoritário. Durante a fala sobre esses outros indivíduos importantes para o livro de Shakespeare, Mell destaca as personagens femininas da peça, o que pode provocar debate e reforça uma característica ideológica silenciada por parte do autor no quesito da representatividade feminina. “Elas, aqui no enredo, não são tão fortes, digamos, não tem tanta presença” (FERRAZ, 2020).

Apesar de enfatizar o incômodo para as mulheres da história, a *youtuber* também afirma que os demais personagens, fora Hamlet, “ficaram muito como

secundários”, <sup>49</sup>ou seja, corrobora mais uma vez sua autoridade e agrega valor à narrativa.

Mell enxergou que a peça possui apenas um personagem realmente relevante, o próprio Hamlet, os demais foram vistos como “menores” ao lado do príncipe, afinal, para ela, o protagonista é uma pessoa misteriosa e “intrigante” (FERRAZ, 2020). A análise permite que Ferraz siga como autoridade, afinal, ela percebe uma característica hierárquica sobre os personagens, seguindo a teoria de Foucault.

Logo, Ferraz (2020) discorre sobre passagens famosas apresentadas ao longo do enredo e como elas são reproduzidas ainda atualmente, discorrendo uma ideologia histórico-cultural ligada a *Hamlet*.

Aqui tem muitas frases, muitas passagens bastante famosas, como eu disse: é um clássico. Esses versos aí tão lidos, falados, repetidos por nós até hoje. Eles têm um quê sartriano de existencialismo. É o questionamento do Hamlet, que é quem diz essas frases, sobre a razão que existe na nossa própria existência. O Hamlet é essa pessoa bastante introspectiva, que muito reflete sobre a vida (FERRAZ, 2020).

Com o vídeo e sua crítica, Mellóry deseja influenciar quem assiste a ler a peça, por isso, ela indica outros dois livros que contam sobre a trajetória de William Shakespeare que analisam sobre as obras do autor, essa aspiração preserva sua figura de autoridade na opinião do livro. Ferraz (2020) compartilha alguns trechos e pensamentos desses escritores sobre *Hamlet*, viabilizando a ideia de interdiscursos de Pêcheux.

Em especial, Mell diz que, a partir da leitura de uma dessas obras, ela percebeu o tic de linguagem que o protagonista da peça tem, construindo, então, um sentido ideológico cultural sobre o personagem. “Ele repete a todo momento as palavras que ele fala (...), então, se ele pronuncia a palavra, logo depois ele vai pronunciar ela de novo”, conta ela. Ferraz aproveita o momento para fazer uma breve interação com o público, questionando se, em alguma leitura, os espectadores já notaram um personagem com algum tipo de tic antes, interação na qual promove

---

<sup>49</sup> Literature-se. HAMLET, de Shakespeare. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jxizq3H6mE0&list=PLxs8gVghJUZPlliLpPbjtiACf51z60qSC&index=6>. Acessado em 21/10/2025.

o interdiscurso entre ela e a experiência de outros leitores, conforme conteúdo analisado sobre a teoria de AD de Pêcheux.

Ao finalizar sua opinião, Mellóry reflete que existem livros que ela sente “deixar algo de lado”, exercendo autoridade sob o discurso, conforme já observado no capítulo dois sobre a perspectiva de Foucault, ao definir aquilo que acredita ser mais importante, visto que são obras que falam sobre diversos assuntos e tem vários acontecimentos, além de incentivar o questionamento sobre certos tópicos.

Esse é um vídeo desse tipo. Então, tenho certeza que tem muitas outras coisas desse livro pra serem ditas, mas se eu deixei alguma coisa de fora que você acha bastante importante, deixa aqui nos comentários, vamos conversar sobre essas coisas extralivro, extraleitura que vão influenciar também a maneira como a gente enxerga o livro (FERRAZ, 2020).

Em resumo, a crítica fez considerações sobre o autor, especialmente comentando sobre a genialidade e “ser único” que criou obras importantes para a dramaturgia, ou seja, demonstrou sua autoridade ao longo da opinião – como previsto na teoria de AD de Foucault, além de destacar a ideologia cultural que Shakespeare promove, sob a ótica de Pêcheux, valorizando a obra e construção literária do autor, mas não citou outras criações de Shakespeare diretamente. Mell falou sobre a escrita, em específico sobre o desenvolvimento dos personagens e como Hamlet é o único realmente valioso ao longo da peça, outra vez validando seu domínio. Enfim, observou bastante sobre o enredo e o protagonista, indicando seu poder e saber sobre a obra na maneira que organiza e transmite sua crítica.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, portanto, que a análise crítica de Mell sofreu alterações ao longo dos últimos 15 anos, possivelmente após conclusão na faculdade de Estudos Literários e mestrado em Estudos de Literatura. Nota-se um discurso mais rebuscado nos últimos cinco anos de crítica, comparado aos primeiros, além de ter deixado a preocupação de lado ao desenvolver sua opinião sobre a obra de cada vídeo. Ferraz dedica sua vida aos estudos sobre literatura todos esses anos e continua divulgando a importância da leitura para mais de 100 mil pessoas nas redes sociais.

É indispensável dizer que, em tempos de tecnologia e consumo de conteúdos mais imediatistas, a presença de uma crítica e influenciadora na mídia é fundamental para manter a literatura viva. Além disso, a divulgação de opiniões na internet, como muito mencionado neste trabalho anteriormente, permite maior interação entre o público e criador, assunto no qual viabiliza não apenas a discussão sobre livros, mas outros âmbitos que vivem dentro do jornalismo cultural do último século.

É importante mencionar que, com esta pesquisa, espera-se que passe a existir explorações sobre a nova onda dos críticos em redes sociais, como os *booktubers*, mas também em cima dos *booktokers*, afinal, a procura por livros no TikTok cresce diariamente e, possivelmente, seria uma porta de entrada a novos opinadores na internet. Em especial, seria interessante entender de que maneira a nova onda dos criadores de conteúdo literário colaboram para que o jornalismo cultural e literário siga vivo dentro da tecnologia e em redes com grandes números de interação.

Apesar de recente, a possibilidade para um futuro brilhante dentro da crítica literária, brasileira e estrangeira, dentro das redes sociais é válida e nota-se a partir dos grandes números de Mell, por exemplo, e da hashtag do TikTok: BookTok, com mais de 60 milhões de postagens. É uma boa oportunidade, portanto, para o jornalismo cultural num todo, porque existe um grande público consumidor do assunto dentro da internet, especialmente ligados à cultura pop, cinema, quadrinhos, mangás e animações, por exemplo.

## 6 REFERÊNCIAS

ABL. **José Veríssimo.** Disponível em <<https://www.academia.org.br/academicos/jose-verissimo/biografia>>. Acessado em 10/06/2025.

ABL. **Sílvio Romero.** Disponível em <<https://www.academia.org.br/academicos/silvio-romero/biografia>>. Acessado em 12/05/2025.

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo.** São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1988.

AGUIAR, Cristhiano. A crítica literária na internet: literatura contemporânea brasileira e valores literários nas críticas de booktubers. In: **Anais do XV Congresso Internacional da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada.** Rio de Janeiro: [s.n.], 2017. Disponível em: [http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017\\_1522165516.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2017_1522165516.pdf). Acessado em 25/11/2025.

AGUIAR, Maurício. Machado de Assis em perspectiva: os olhares divergentes de Sílvio Romero e José Veríssimo. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 269–296, jan.–abr. 2015. DOI: 10.1590/2238-38752015v5111. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/6MXxBD3Vf8VvcYz5WwTdqrk/>. Acessado em 25/11/2025.

ALMEIDA, Marco. Booktubers, literatura e cibercultura: mediação e circulação da informação cultural. **Configurações: Revista Ciências Sociais**, v. 29, p. 65-86. 2022.

ALZAMORA, Geane. ANAIS DO 10º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 10, 2001, Brasília. **Jornalismo cultural on line: uma abordagem semiótica.** Brasília: Compós, 2001.

ARAGÃO, Mayllin; ROCHA, Marlúcia. Intercom, 44, 2021, Ilhéus. **Crítica Literária em Tempos de Convergência Midiática: Considerações Sobre os Booktubers e a Crítica Literária Amadora.** Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2021.

BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo cultural no século 21 [recurso eletrônico]: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática.** São Paulo: Summus, 2015.

BALVERDU, Andressa. **Comunidade booktube como alternativa de incentivo à leitura**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

BARBOSA, João. **José Veríssimo: teoria, crítica e história literária**. São Paulo: Edusp, 1977.

BERNADAZZI, Rafaela; COSTA, Maria. Produtores de Conteúdo no You Tube e as relações com a produção audiovisual. **Revista Comunicare**, v. 17, p. 146-160, 2017.

BRASIL, Luciana. Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem - Estudos e Pesquisas**, Catalão, v.15, p. 171-182, 2011.

CANDIDO, Antônio. **O método crítico de Sílvio Romero**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CARLÓN, Mario. Contrato de fundação, poder e mediação: notícias do front sobre a invasão do YouTube, ocupação dos bárbaros. **Matrizes**, v. 7, p. 107-12, 2013.

CUNHA, Paula. **JORNALISMO CULTURAL NA INTERNET: Uma análise do site BRAVO! on-line**. Brasília: Centro Universitário de Brasília – UNICEUB, 2006.

DALMONTE, Edson. **Pensar o discurso no webjornalismo: temporalidade, paratexto e comunidades de experiência**. Salvador: EDUFBA, 2009.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FADC. **100 anos da Semana de Arte Moderna: a semana que transformou a cultura brasileira**. Disponível em: <https://www.fadc.org.br/noticias/100-anos-da-semana-de-arte-moderna-a-semana-que-transformou-a-cultura-brasileira>. Acessado em 18/10/2025.

FERRAZ, Mell. **Prazer, Mell Ferraz**. 24 nov. 2024. Instagram: Mell Ferraz — Literature-se. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCw8uAixH4r/>. Acessado em 21/10/2025.

FITZPATRICK, Kevin. **About**. Disponível em: <<https://dorothyparker.com/about>>. Acessado em 26/08/2025.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de L'Archéologie du Savoir. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

GONÇALVES, Sérgio. **O método arqueológico de análise discursiva: o percurso metodológico de Michel Foucault.** *História e-História*. Campinas/SP: NEE-UNICAMP, v. 1, 4 de fevereiro, p. 1-21, 2009.

GONÇALVES, Thamires. **MACHADO DE ASSIS E SÍLVIO ROMERO: ENTRE O TÁCITO E O EXPLÍCITO.** Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017.

GREGOLIN, Maria. A ANÁLISE DO DISCURSO: CONCEITOS E APLICAÇÕES. *Alfa*, São Paulo, v. 39, p. 13-21, 1995.

HOLANDA, Lourival. Reconsiderando a Crítica Literária. *Revista FronteiraZ*, São Paulo, n. 8, 2012.

JEFFMAN, Tauana. Literatura compartilhada: uma análise da cultura participativa, consumo e conexões nos booktubers. *Revista Brasileira de História da Mídia*, São Paulo, v. 4, n. 2, 2015.

KIM, Jin. The institutionalization of YouTube: from user-generated content to professionally generated content. *Media, Culture & Society*, v. 34, n. 1, 2012.

LITERATURE-SE. **[Resenha] As vantagens de ser invisível.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JD6QO-BhFzk&list=PLxs8gVghJUZPlliLpPbjtiACf51z60qSC&index=4>. Acessado em 21/10/2025.

LITERATURE-SE. **A hora da estrela, Clarice Lispector #VEDJ 18.** Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=wM\\_VnWs0ouU](https://www.youtube.com/watch?v=wM_VnWs0ouU). Acessado em 21/10/2025.

LITERATURE-SE. **HAMLET, de Shakespeare.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jxizq3H6mE0&list=PLxs8gVghJUZPlliLpPbjtiACf51z60qSC&index=6>. Acessado em 21/10/2025.

LITERATURE-SE. **LOLITA, de Nabokov (OU COMO CRIAR POLÊMICAS EM SEU CANAL).** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DQQysITpfpE>. Acessado em 21/10/2025.

LITERATURE-SE. **Macunaíma, de Mário de Andrade.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qXXCt43CyB8>. Acessado em 21/10/2025.

LITERATURE-SE. **Respondendo sobre #2 | Canal e blog #1.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HtRw8-uQRRY&list=PLt4z0dMcJsCFxtfDhi7feqbJWUWntxmF&index=15>. Acessado em 21/10/2025.

LITERATURE-SE. **Respondendo sobre #4 | Canal e blog #2.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vcqtWJiqXkl&t=10s>. Acessado em 21/10/2025.

MARI, Angelica. **Conheça a história dos 15 anos do YouTube**. Disponível em: <https://forbes.com.br/negocios/2020/09/conheca-a-historia-dos-15-anos-do-youtube/>.

Acessado em 14/10/2025.

MARIANI, Bethania. **O PCB e a imprensa; o imaginário sobre os comunistas nos jornais**. UNICAMP, 1998.

MIELNICZUK, Luciana. **Jornalismo na web: Uma Contribuição para o Estudo do Formato da Notícia na Escrita Hipertextual**. Salvador: Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2003.

NARVAZ, Martha; NARDI, Henrique; MORALES, Blanca. Nas Tramas do Discurso: a abordagem discursiva de Michel Pêcheux e de Michel Foucault. **Revista de Psicologia Política**, v. 6, n. 12, p. 369-390, 2006.

ORLANDI, Eni; GUIMARÃES, Eduardo; TARALLO, Fernando. O estranho espelho da análise do discurso. In: COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político – o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos, SP: EdufScar, 2009.

PASSOS, Aruanã. Do Império à República: escrita poética e biografia em Tobias Barreto (1869-1889). **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 19, n. 30, p. 77-94, 2018.

PAVLIK, John. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, SP: Pontes, 1990.

PELLEGRINI, Dayse; REIS, Diolinda; MONÇÃO, Philipe; OLIVEIRA, Ravel. **Youtube. Uma nova fonte de discursos**. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz. 2010.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2004.

PONTES, Eloy. **A Vida Exuberante de Olavo Bilac**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1944.

PRIBERAM INFORMÁTICA, S.A. **hermetismo**. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/hermetismo>>. Acessado em 17/06/2025.

ROCHA, Termisia; SILVA, Gilson; OLIVEIRA, Guilherme. METODOLOGIA DE PESQUISA CIENTÍFICA: ANÁLISE DO DISCURSO - CONCEITOS E POSSIBILIDADES. **Cadernos da Fucamp**, Minas Gerais, v. 21, n. 53, p. 215-225, 2022.

- ROMERO, Sílvio. **História da Literatura Brasileira: contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943.
- ROMERO, Sílvio. **Machado de Assis. Estudo comparativo de Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1897.
- ROMERO, Sílvio. **Outros Estudos de Literatura Contemporânea.** Lisboa: Typographia da Editora, 1906.
- SÁ, Alzira. JORNALISMO E CRÍTICA LITERÁRIA:DOS RODAPÉS AOS TRATADOS. In: VI ENECULT: Encontro de estudos multidisciplinares em cultura, 6, 2010, Salvador. **JORNALISMO E CRÍTICA LITERÁRIA : DOS RODAPÉS AOS TRATADOS.** Salvador, Facom-UFBa, 2010.
- SANTIAGO, Silviano. **A crítica literária no jornal.** Nuevo Texto Crítico, vol. 7 no. 1, p. 61-68, 1994.
- SODRÉ, Nelson. **História da Imprensa no Brasil.** São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- SOUZA, Eneida. **Crítica cult.** Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- TEIXEIRA, Claudia; COSTA, Andressa. Movimento Booktubers: práticas emergentes de mediação de leitura. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, 2016, p. 13-31, julho. 2016.
- TELLOLI, Bruno. **20 anos de YouTube no Brasil: formatos, hábitos e oportunidades.** Disponível em: <https://business.google.com/br/think/search-and-video/youtube-20-anos-brasil/>. Acessado em 15/10/2025.
- TEMPONE, Denise. **O que é um Vlog e o que fazer para começar um?** Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/blog/8311-o-que-e-um-vlog-e-o-que-fazer-para-comecar-um>. Acessado em 27/09/2025.
- VERMELHO, Sônia; VELHO, Ana; BONKOVOSKI, Amanda; PIROLA, Alisson. REFLETINDO SOBRE AS REDES SOCIAIS DIGITAIS. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 126, p. 179-196, jan/mar. 2014.
- VIZIBELI, Danilo. Contrastes entre a crítica literária especializada e amadora: os booktubers e os discursos sobre o livro e a leitura. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 1-12, jul/dez. 2016.
- ZENHA, Luciana. Redes sociais online: o que são as redes sociais e como se organizam? **Caderno de Educação**, Minas Gerais, v. 20, n. 49, p. 19-42. 2018.